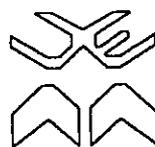


33814
VUM

P.P.V. 12



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
Departamento de Produção e Protecção Vegetal

Dissertação de Licenciatura

21418

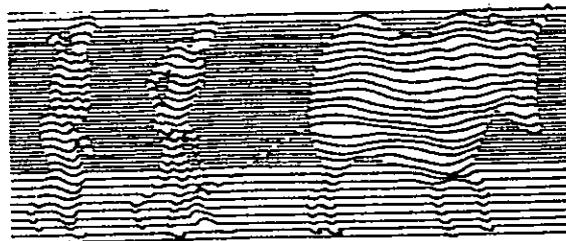
**As práticas de Poupança, Crédito, Ajuda
Mútua e o Seu Impacto no Desenvolvimento
da Agricultura.**

**Um estudo de caso nas zonas de sequeiro e regadio no
distrito de Chókwè, província de Gaza**

Autor: Samora Zacarias Vuma

Supervisor: Engº Luis Artur (Msc)

Secção: Comunicação e Sociologia Agrária



Maputo, Novembro de 2004

INDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA	I
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
LISTA DE ABREVIATURAS	IV
LISTA DE TABELAS	V
LISTA DE FIGURAS	VI
LISTA DE ANEXOS	VII
SUMÁRIO.....	VIII
1.0 - INTRODUÇÃO.....	1
1.1- Problema de Estudo e Justificação	2
1.2 - Relevância do Estudo	3
1.3 - Objectivos.....	4
1.4 - Questões do Estudo	4
2.0 - MOLDURA TEÓRICA.....	5
2.1- Conceitos de Crédito e poupança	5
2.2 - Sistemas de Crédito e Poupança Rural	6
2.2.1 - Sistema de Poupança e Crédito Formal.....	6
2.2.2 - Sistemas de Poupança e Crédito Semi - Formal.....	8
2.2.3 - Sistemas de Poupança e Crédito Informal.....	10
2.3 – Ajuda Mútua	15
2.3.1 - Organizações “tradicionais” de ajuda mutua e formas assalariadas.....	15
2.4 – Desenvolvimento Rural	18
3.0 - METODOLOGIA.....	19
3.1 - Elaboração do protocolo.....	19
3.2 – Recolha de dados	19
3.3 - Amostragem.....	22
3.4 - Métodos de Recolha de Dados	23
3.4 - Métodos de Análise de Dados	24
4.0 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1- Organizações locais para o desenvolvimento da agricultura.....	26
4.1.1 – Sistema de poupança e crédito informal na zona do estudo	29
4.1.2 – Formas de ajuda mutua na zona do estudo	33
4.2 – Instituições semi-formais e o seu papel no desenvolvimento agrícola	35
4.2.1 - Dificuldades encaradas pelas micro financeiras	43
4.3 - Instituições financeiras formais e o seu papel no desenvolvimento	44
4.3.1 - Constrangimentos do ponto de vista dos entrevistados I.....	46

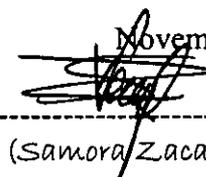
4.3.2 - Constrangimentos do ponto de vista dos bancos	47
4.4 – Análise das interações entre os três sistemas financeiros.....	48
5.0 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	50
5.1 – Conclusões	50
5.2 - Recomendações.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	54
ANEXOS.....	57 e 59

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência para obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

O autor

Novembro de 2004



(Samora Zacarias Vuma)

DEDICATÓRIA

À memória do meu pai; Zacarias Machavel Vuma

À minha mãe; Lidia Machaieie

Ao meu filho; Fayol Samora Vuma

Dedico e ofereço

AGRADECIMENTOS

Devo os meus agradecimentos à todos os que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade, muito em especial ao mentor desta pesquisa o meu supervisor Eng^o Luis Artur.

Aos meus irmãos, amigos e colegas da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal
Ao senhor administrador do distrito de Chókwè e as comunidades de Macarretane, Massavasse e Chilembene e à World Relief pelo apoio logístico dado no Chókwè.

O meu muito obrigado

LISTA DE ABREVIATURAS

IV

ARA-SUL	Administração Regional de Aguas de Sul
Ar	Associação de Regantes
ASCRA	Accumulating Saving and Credit Association
AGRIGAZA	Associação de Agricultores de Gaza
AUSAID	Agencia Australiana e Internacional de Desenvolvimento
BCI	Banco Comercial e de Investimento
BM	Banco de Moçambique
BIM	Banco Internacional de Moçambique
CCM	Caixa de Crédito Comunitário da ORAM
DDADR	Direcção Distrital da Agricultura e Desenvolvimento Rural
FCC	Fundo de Crédito Comunitário da World Relief
FAEF	Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal
HICEP	Hidráulica de Chókwè Empresa Publica
INAM	Instituto Nacional de Meteorologia
INE	Instituto Nacional de Estatística
IFR	Instituições Financeiras Rurais
ORAM	Organização Rural da Ajuda Mútua
ONG'S	Organizações Não Governamentais
ROSCA	Rotating saving and credit association
Sp	Sector Privado
Sf	Sector Familiar
TJ	Taxa de Juro
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UIP	Unidade de implementação de projectos da HICEP
MADER	Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural

LISTA DE TABELAS

V

Capítulo - I à III

Tab – 1 Resumo dos sistemas de poupanças e crédito	14
Tab _ 2 Resumo das principais formas de ajuda mutua no sul de Moçambique	17
Tab – 3 Numero total de amostra entrevistada na zona do estudo	23

Capítulo – IV

Tab – 4 Organizações de base local – Chókwè (N=69)	26
Tab – 5 Sistema de Crédito & poupança – Chókwè (N=69)	29
Tab – 6 Formas de ajuda mútua existente – Chókwè (N=69)	33
Tab – 7 Instituições microfinanceiras e respectivo grupo alvo	35
Tab – 8 Instituições bancarias e grupo alvo - - Chókwè (N=69)	44

LISTA DE FIGURAS

VI

Fig.1 - Gráfico ilustrativo dos montantes de poupança da CCM/ORAM	40
Fig.2 - Gráfico ilustrativo das taxas de juros praticados pelas micro financeiras	48
Fig.3 - Esquema do relacionamento entre os três sistema no sequeiro (N=35)	49
Fig.4 - Esquema do relacionamento entre os três sistemas de regadio (N=34)	49

LISTA DE ANEXOS

VII

Anexo – 1 Guião das entrevistas semi-estruturada

Anexo – 2 Condições de acesso ao crédito no Banco Austral

Anexo – 3 Mapa de localização das zonas de estudo - o distrito de Chókwe

1.0 - INTRODUÇÃO

As actividades produtivas em qualquer sector são fortemente incentivadas e aceleradas quando existe um financiamento. Devido a sua natureza económica, os financiamentos são por várias razões feitas em forma de crédito. A importância do crédito assenta no facto deste ser agente de produção pois, acelera a produção e a distribuição, aumenta o volume de negócios, facilita a transferência do dinheiro, elevando o nível de negócios (Ettinger e Golieb, 1971).

As instituições que fornecem o crédito podem ser legalmente reconhecidas pela autoridade dos países (exemplo, os bancos comerciais); podem ser informais-não reconhecidas legalmente (exemplo, agiotas) ou ainda, podem ser semi-formais que estão reconhecidas mas, restritas nas suas actividades financeiras (exemplo, ONGs). Actualmente tem-se notado que o sector formal não atinge efectivamente os pobres rurais com serviços de créditos nos países do 3º Mundo (Von Pishke, 1984 e Larson *et al.*, 1994 citados por Amino, 1999). Como resposta a esta falta de ligação entre o sector formal e as zonas rurais, o sector informal e semi-formal através das ONG's nacionais e internacionais, famílias, amigos, vizinhos, agiotas e comerciantes rurais desenvolvem sistemas de financiamentos com vista a resolver problemas com que se deparam as actividades nas zonas rurais (Musona & Mbozi, 1998). O reduzido financiamento por parte do sector formal às zonas rurais, deve-se entre outros ao facto de, nas zonas rurais a actividade mais desenvolvida ser agricultura, considerada de alto risco para financiamento.

O presente trabalho retracts as formas de crédito, poupança e ajuda mútua que tem sido praticados no distrito de Chókwè. Pretende-se com este estudo avaliar a sua prática na zona, e o seu impacto no desenvolvimento da agricultura na quele distrito, concretamente em Macarretane, Massavasse, Chilembene e cidade de Chókwè.

1.1 - Problema de Estudo e Justificação

Vários estudos realizados no Chókwè¹, revelam a existência de várias formas de crédito, poupança e ajuda mútua. Entretanto em vários encontros formais e informais com diversas entidades, por exemplo os bancos, MADER, e outros², os produtores tem apresentado a falta de crédito como uma das limitações do seu processo produtivo. Se por um lado revela-se a existência de mecanismos financeiros e por outro dificuldades financeiras, isto demonstra a existência dum espaço vazio em termos de informações sobre; 1) o papel dos mecanismos financeiros localmente existente, e 2) como colmatar este problema de falta de crédito agrícola.

Apesar da preocupação de falta de crédito agrícola, resolver o problema de crédito requer acima de tudo um amplo conhecimento do que actualmente existente na região em relação ao sistema de crédito e poupança. Este conhecimento inclui, a identificação de formas de crédito, poupança e ajuda mútua localmente existente e uma análise do seu funcionamento, oportunidades e constrangimentos.

A necessidade de olhar o crédito duma forma mais alargada deve-se ao facto de, o crédito agrícola não ser apenas praticado pelas instituições especializadas tais como os bancos, fundos do estado, etc. Pois, não é possível deste modo garantir a mínima cobertura territorial nem a simplificação do sistema administrativo. Assim é necessário criar mecanismos para que hajam vários tipos de agentes de créditos (Mosca, 1989). Para além disso, autores como Adam (1992), defendem que a intervenção das organizações locais ou tradicionais na área de crédito e poupança é enorme e quando bem avaliado pode desempenhar um papel preponderante na área microfinanceira. Por isso tudo, pensa-se que é fundamental que se faça um levantamento exaustivo da realidade local antes do início das actividades de crédito

¹ *Hermele, 1986 ; Mosca, 1988; INDER, 1995; Calane, 2002; Valá, 2003; etc.*

² *AJU's 2000 e 2003 , realizados pelos docentes da FAEF/UEM e os estudantes do 3º ano da mesma Faculdade*

para o melhor conhecimento dos problemas e potencialidades do grupo alvo com vista ao seu posterior aproveitamento.

1.2 - Relevância do Estudo

Pesquisar as formas de crédito, poupança e ajuda mútua no distrito de Chókwè pode ajudar a produzir informações sobre mecanismos mais apropriados para resolução das necessidades de créditos para a economia local, caracterizada pela existência de vários recursos materiais e humanos subaproveitados e dispersos pelo distrito, num contexto de carência de capital e “know-how”. Para além disso, a zona está numa fase difícil em que se refaz das sequelas das cheias que deixaram muitos residentes na pobreza e desemprego e com graves consequências sociais (falta de habitações, terra arável, gado bovino e caprino, etc). Neste panorama, é relevante uma pesquisa que se propõe, através do estudo de campo, aprofundar o conhecimento sobre os mecanismos de poupança, crédito e ajuda mútua no incremento das actividades agrícolas. Isto é particularmente importante quando olhamos para Chókwè, onde acredita-se que após cheias estes mecanismos sofreram mudanças.

1.3 - Objectivos

Com este estudo pretende-se:

Objectivo Geral:

- Descrever e analisar o papel das práticas de poupança, crédito e ajuda mútua no desenvolvimento da agricultura no Chókwè.

Objectivos Específicos:

- i. Identificar as diferentes iniciativas locais de poupança, crédito e ajuda mútua no sector agrícola em Chókwè e descrever a lógica do seu funcionamento e dinâmica.
- ii. Identificar instituições formais e semi-formais de crédito que financiam o sector agrícola em Chókwè e avaliar até que ponto contribuem para satisfazer o sector agrícola.
- iii. Analisar as inter-relações existente entre o sistema formal, semi-formal, informal e avaliar o seu impacto no desenvolvimento da agricultura no Chókwè.

1.4 - Questões do Estudo

1. Que iniciativas locais de poupança, crédito e ajuda mútua existem no sector agrícola em Chókwè, nas zonas de sequeiro e de regadio?
2. Qual é o papel destas iniciativas no desenvolvimento da agricultura no Chókwè?
3. Quais são as instituições formais e semi-formais de poupança e crédito que existem no Chókwè?
4. Qual é a contribuição dessas instituições para o desenvolvimento do sector agrícola no Chókwè?
5. Quais são as inter-relações existente entre os três sistemas financeiros no Chókwè?
6. Qual é o impacto das inter-relações entre os três sistemas financeiros no desenvolvimento da agricultura local no Chókwè?

2.0 - MOLDURA TEÓRICA

O presente trabalho terá como suporte, teorias sobre crédito, poupança e ajuda mútua. Este capítulo trata destas teorias, iniciando pelo crédito.

2.1- Conceitos de Crédito e poupança

Crédito

Na teoria monetária, considera-se crédito, o uso de fundos do outrém com a promessa de pagamento dos mesmo (habitualmente com juro) numa data futura (Samuelson & Nordaus, 1996). Os mesmos autores definem taxa de juro como o preço pago pelo empréstimo de bens/dinheiro durante um período, habitualmente indicado como uma percentagem anual do capital. Por exemplo, uma taxa de juro de 10% em USD, significa que o devedor³ de 1000USD deverá pagar ao credor⁴ para além deste valor 100USD de juros.

Segundo Van Vught (2001) o crédito pode ser em dinheiro – e, dado a um individuo ou às instituições no singular, chamando-se assim de crédito individual. Porém, o mesmo pode ser atribuído à grupos de individuos, designando-se crédito em dinheiro à grupo(s). Para além de crédito em dinheiro também existe crédito em espécie (bens ou animais domesticos), que igualmente pode ser atribuído à um individuo ou grupo de individuos – crédito em espécie individual ou em grupo respectivamente.

³ *A àquele que deve ao outro (In Dicionário da Língua portuguesa, 1999)*

⁴ *A àquele a quem se deve dinheiro; aquele que tem direito ou é digno de estima e consideração (In dicionário da língua portuguesa, 1999)*

Poupança

Considera-se poupança a parte do rendimento que não é consumido ou, a diferença entre o rendimento disponível e o consumo (Samuelson & Nordaus, 1996). Van Vught (2001) define igualmente que a poupança pode ser em dinheiro ou em espécie (bens ou animais domésticos) e feita individualmente ou em grupo. Quando é individual a pessoa guarda de forma individual em casa, no banco ou entrega a pessoas de confiança o seu dinheiro ou seus bens e animais. Para o caso de poupança em grupo o dinheiro, os bens ou animais são entregues a um dos membros do grupo que vai guardar em casa ou no banco.

2.2 - Sistemas de Crédito e Poupança Rural

Duma maneira geral pode-se encontrar em Moçambique três sistemas de crédito e poupança: 1) Sistema de crédito e poupança formal, 2) Semi - formal e 3) informal. Por haver uma forte relação de complementaridade entre os conceitos de crédito e poupança torna-se difícil ou quase impossível diferenciá-los. Um sistema de crédito facilmente se transforma em poupança assim como um sistema de crédito pode ser considerado um mecanismo de poupança para o fornecedor de crédito. No contexto deste trabalho descreve-se em seguida os sistemas de poupança e crédito começando pelo sistema formal.

2.2.1 - Sistema de Poupança e Crédito Formal

O sistema de poupança e crédito formal é geralmente administrado pelos bancos, e dirigido a clientes integrados na economia formal (Benfica, 1993). É regulado pela lei do Estado, há exigência de bens assim como colaterais⁵ e, envolve um preço de transferência sobre o dinheiro - a taxa de juro (yazdani & Gunjal, 1998). O sistema formal não arrisca nem tão pouco a funcionar sem taxas de juros, o que significa que esta é a base na qual o sistema se sustenta para a sua existência. É importante notar

que tanto para poupanças assim como para crédito existe uma taxa de juro estipulado pelo banco. No entanto a taxa de juro para poupança sempre deve tender a atrair os consumidores para puder-se garantir depósitos elevados e fundos disponíveis para créditos. A taxa de juro para empréstimos deve ser marcada no sentido de cobrir a taxa de juro para depósitos e os custos de transação. Os credores no sistema formal geralmente não prestam serviços às famílias rurais visto que os montantes necessitados são normalmente pequenos e os custos marginais de transação para eles e para o banco tendem a ser altos (Benfica, 1993).

Os problemas com crédito formal aos agricultores nos países em desenvolvimento são também associados a sua administração. A este respeito, um estudo concluiu que o crédito formal na Tanzânia é inadequado para pequenos produtores rurais, por ter procedimentos burocráticos complexos e ser baseado nas cidades (Hyuha *et al.*, 1993). Outro constrangimento ao crédito formal está relacionado com as condições de acesso impostas⁶. As exigências de participação, de garantias materiais, juros altos e curtos prazos de reembolso, fazem com que muitos agricultores desistam antes de conseguir créditos.

Muitas vezes, a solução que as pessoas encontram para atenuar estas dificuldades são esquemas informais de empréstimos provenientes de amigos e familiares. Na Etiópia por exemplo, amigos e parentes responderam por 78% do total do crédito ao sector camponês entre 1983 e 1984 (Adams, 1992).

⁵ *individuos que funcionam como testemunhos de garantia (os geralmente chamados de avalista)*

⁶ *No anexo-2 são apontados os critérios que eram exigidos por exemplo, pelo BPD actual Banco Austral para concessão de crédito agrário*

2.2.2 - Sistemas de Poupança e Crédito Semi - Formal

No contexto deste trabalho sistemas de poupança e crédito semi-formal definem-se como sendo um sistema que é normalmente administrado por membros locais e/ou com apoio das agências externas como ONG's ou instituições bancárias formais, dirigido geralmente à clientes "pobres" que "não" tem bens de garantias para penhora ou hipoteca e que desenvolvem negócios "fracos". Pode existir ou não uma taxa de juro. Para o caso em que existe uma taxa de juro ela serve para gerar fundos de reservas para responder situações de emergências para os membros do grupo.

Em muitos dos casos este sistema é originado por associações de poupança e crédito locais, que criam primeiro poupança, para posteriormente fornecerem créditos, resultando assim na criação de bancos comunitários constituídos por grupo de pessoas locais auto- seleccionadas, onde a equipa de gestão é composta normalmente por três membros eleitos pelos membros do grupo e, estes as vezes são assistidos por um funcionário da instituição externa (Meyer *et al.*, 1993). Em geral, as instituições que actuam neste sector como Instituições Financeiras Rurais (IFR) nos países em desenvolvimento são uniões de crédito, cooperativas ou ONG's. Geralmente o papel das ONG's como IFR cresce à medida que a economia vai sendo liberalizada e o papel do sector financeiro formal decresce de importância na prestação de serviços financeiros nas áreas rurais (Graham *et al.*, 1993).

As ONG's, levam uma vantagem natural na prestação de serviços às comunidades locais, em relação as instituições formais como os bancos, pois, têm a vantagem de, graças ao seu trabalho ao nível da base, em todas as acções, possuírem mais informações. Deste modo, segundo Benfica (1993), as ONG's poderiam intervir no sentido de:

- a) Facilitar o acesso aos camponeses ao crédito, e através de um serviço de extensão sensibilizá-los sobre a importância de poupança, como principal fonte para tornar o crédito possível;

- b) Adicionalmente, as organizações não governamentais (ONG's) podem jogar um papel importante como intermediários entre o banco e os camponeses, para a criação de uma conta de poupança rural, a qual poderá constituir a principal fonte de crédito para a comunidade.
- c) Promover mais crédito a grupos do que a indivíduos, pois estes se tem mostrado mais efectivos, principalmente na redução de custos de transacção, melhorando substancialmente a mobilização de poupanças, além de reduzir os problemas de reembolso, através da pressão social.

No sistema de crédito e poupança semi-formal existem dois bancos internacionalmente conhecidos que tem um nível superior de funcionamento que são o Grameen Bank⁷ de Bangladesh e o Village Bank⁸ de Gâmbia.

⁷ *É uma instituição financeira semi-formal que teve a sua origem em Bangladesh. Esta instituição fornece créditos à pequenos grupos de 5 membros auto - seleccionados, e entre 5 a 8 grupos formam um centro de desenvolvimento comunitário gerido por um presidente e um secretário os quais recebem assistência de um funcionário do Grameen Bank central. Através deste sistema o Grameen Bank forneceu créditos à mais de 2000000 pessoas (94% de mulheres) com um nível de reembolso elevado (Johnson et al., 1997).*

⁸ *É uma associação da comunidade rural de mais ou menos 50 membros (especialmente mulheres), que se encontram uma vez por semana para fornecer pequenos créditos e para promover poupanças com o fim de aumentar a auto - sustentabilidade. Este sistema funciona com um fundo inicial de 50\$ para cada membro financiado por uma organização externa. A característica fundamental deste sistema é a chamada escada de auto-suficiência económica, que é o programa de créditos ligados à poupanças com um crédito mínimo de 50\$ e máximo de 300\$. O membro não deve avançar para o crédito maior antes de aumentar poupanças. Exemplo; um membro que recebeu 50\$ e poupou 10\$ pode receber no ciclo seguinte 60\$, no ciclo seguinte consegue poupar 12\$ e pode pedir para o terceiro crédito 82\$ (10\$+12\$=22\$+60\$=82\$ etc.) até o limite de 300\$ dentro de 7 ciclos. Quando o dinheiro poupado chega à 300\$ considera-se que a pessoa está pronta para trabalhar com o seu próprio capital (Hatch, 1989).*

2.2.3 - Sistemas de Poupança e Crédito Informal

É um sistema tipicamente praticado pelos camponeses sem nenhuma base formal e baseado essencialmente nas relações de família, amizade, vizinhança e é ainda pelo facto de os seus praticantes estarem no mesmo contexto geográfico (Xavier, 1996). No contexto deste trabalho descreve-se 11 diferentes tipos informais de poupança e crédito, de acordo com quem a pratica:

1. Praticado por instituições não regulamentadas mais sofisticadas

Essas instituições funcionam como bancos comerciais e os seus clientes vão dos médios à altos clientes. Existem para evitar impostos e em alguns casos podem estar ligados aos bancos e companhias como *joint venture* (Adams, 1992).

2. Praticada por "Moneylenders" (Agiotas)

São pessoas que se dedicam a emprestar dinheiro a juros altos à indivíduos e grupos de até 50 elementos. Os seus empréstimos são de curto a médio prazo segurados por colaterais. Os seus empréstimos podem ir até fora dos seus fundos disponíveis recorrendo a outrem para continuar a desenvolver a actividade. Os seus custos de transação são baixos pois, operam em mercados onde está o grosso dos seus clientes. Os "Moneylenders/Agiotas" têm uma vantagem do que os credores formais pois, através do contacto dia a dia com os clientes, eles tem um conhecimento profundo do comportamento destes (Dava *et al*, 1998).

3. Praticado por Comerciantes

Segundo Rodrigues (1994) existem indivíduos que além de serem comerciantes fazem também empréstimos ligados aos bens comercializáveis ou compras de comodidade (levar bens para pagar após um certo período acordado). Embora a parte do empréstimo seja a menor parte das actividades dos comerciantes, os empréstimos são repartidos em períodos relativamente curtos e, muitos empréstimos suportam

mudanças não explícitas como por exemplo, o ajuste do preço de artigos devido as mudanças provocadas pela inflação e desvalorização da moeda local.

4. *Praticados por "Loan Brokers" (Intermediários para Crédito)*

Os "Loan Brokes" são indivíduos que vendem informações sobre necessidades de crédito e fontes de crédito facilitando assim contactos entre pessoas com dinheiro e os que precisam do mesmo (Adams, 1992).

5. *Praticado por "Land Lords" (Fazendeiros)*

Este é o grupo dos que também empresta dinheiro ou terras aos necessitados. Embora a prática seja menos comum agora do que antes, alguns fazendeiros ainda providenciam os empréstimos por dinheiro e por espécie (Rodrigues, 1994).

6. *Praticado por amigos e próximos*

São os empréstimos a partir dos amigos e pessoas mais próximas. Muitos destes empréstimos não envolvem os colaterais ou terceiros. A grande importância nesta forma é a reciprocidade futura entre o credor e devedor (Dava *et al.*, 1998).

7. *Praticada por "money guards" (Homem Banco)*

É uma forma de finanças informais onde um indivíduo considerado responsável e com lugar seguro para guardar o dinheiro é entregue valores monetários para guardar. Por tanto, em vez de as pessoas irem depositar no banco formal depositam a um alguém, o "homem banco". Apesar de em alguns casos ser pago algum valor, o homem banco é muito cauteloso na escolha dos seus clientes pois, avalia essa actividade como muito arriscada (Adams, 1992).

8. *Praticada por grupos de poupança*

Consiste em indivíduos que regularmente ou irregularmente, depositam fundos em grupos que têm um chefe. Em muitos casos esses grupos são formados

espontaneamente mas, na Tailândia a agência governamental - Departamento de Desenvolvimento Comunitário joga o papel de organização desses grupos.

Os grupos colecionam fundos dos membros periodicamente e depois retornam os fundos depositados aos membros no fim de um determinado período. Noutros casos, os fundos são usados para questões de emergência. Os fundos colecionados podem ser guardados ou não num banco dependendo do grupo (Adams, 1992).

9. Praticada por "RoSCAs" (Rotating Savings and Credit Association)

Esta forma de finanças informais traduzido para Associação Rotativa de Crédito e Poupança, consiste em pequenos agrupamentos de pessoas que desenvolvem as actividades de poupança e crédito. As actividades podem igualmente se estender à ajuda nas operações agrícolas. Constitui uma das formas mais encontradas nos países do terceiro mundo, e estudos feitos em Camarões mostram que os depósitos feitos pelas RoSCAs ultrapassam os depósitos feitos nos bancos formais (Adams, 1992). Em alguns países, especialmente entre as camadas desfavorecidas, as RoSCAs constituem caminho para fazer largos investimentos de negócios. Essas associações são particularmente importante não só porque promovem poupanças e créditos sustentáveis, mas também, porque resolvem problemas de terceiros e, problemas de informação de credores por envolver membros que têm confiança mútua ou por terem organizações que se responsabilizam pela *performance* de indivíduos envolvidos. O desembolso é um problema raro na RoSCA porque o membro devedor não somente perde a oportunidade de continuar como membro da associação mas também, perde a confiança social e negócios que se beneficiam os membros da RoSCA (Van den Brink *et al.*, 1997).

10. "Kafo ou Xitique"

Kafo é uma forma de crédito e poupança desenvolvida na Gâmbia, e funciona como o "Xitique"⁹. A diferença com o "Xitique" de Moçambique reside no facto de, no "Kafo" os grupos poderem aplicar juros para criar um fundo de reserva. A diferença com a "RoSCA" reside no facto de na "RoSCA" haver uso para além de dinheiro, de bens e mão de obra, o que não acontece com o "Kafo" e "Xitique". Normalmente no "Kafo" e "Xitique", os montantes de dinheiro são baixos, e aumentam ao longo do tempo, pois primeiro é preciso ganhar experiência (Van den Brink et al., 1997).

11. ASCRA (Accumulating Saving and Credit Association)

É uma forma de RoSCA sem sistema rotativo (Handa et al., 1999).

Na tabela 1 a seguir, são resumidamente apresentados os 3 sistemas de Poupança e Crédito que atrás foram apresentados.

⁹ É uma forma rotativa de poupança e crédito realizado por um grupo restrito de pessoas sejam vizinhos, amigos, familiares, da mesma igreja ou de um determinado grupo social da zona. O grupo estipula uma cota periódica e constante em dinheiro e o responsável eleito entre os membros do grupo recolhe e entrega rotativamente a cada um dos membros do grupo. Ela é assente na confiança entre os membros do grupo (Mucavel, 1996)

Tabela-I Resumo dos sistemas de poupança e crédito.

Classificação dos sistemas de poupança e crédito em:		
Sistema	Praticantes	Características
Formal	<i>Instituições bancárias e ONG's</i>	Base legal jurídica, há taxa de juros e maximização de lucros
Semi-formal	<i>Bancos comunitários e grupos de poupança e crédito locais</i>	É administrado por membros locais e/ou com apoio das agências externas como ONG's ou instituições bancárias formais, dirigido à clientes "pobres" que "não" tem bens de garantia para penhora ou hipoteca e que desenvolvem negócios fracos. Com taxa de juro ou não.
Informal	<i>Kafo ou (Xitique em Moçambique)</i>	Forma de crédito desenvolvida na Gâmbia e difere-se com "xitique" por possuir juros, e com RoSCA difere-se pelo facto de poder existir grupos de RoSCA de troca de mão-de-obra e bens.
	<i>RoSCA's</i>	Consiste em associações rotativas de crédito e poupança, que podem ser de mão-de-obra, bens ou dinheiro.
	<i>"ASCRA"</i>	RoSCA sem sistema rotativo
	<i>Grupos de poupança</i>	indivíduos que regularmente ou irregularmente, depositam fundos em grupos que têm um chefe
	<i>Money Guards (homem banco)</i>	Pessoa responsável que aceita guardar dinheiro de outras pessoas com/sem pagamento.
	<i>Amigos e Próximos</i>	Empréstimos entre amigos e próximos sem testemunhos. Tem como base a reciprocidade.
	<i>LandLords (fazendeiros)</i>	Grupos de pessoas que dão empréstimos de dinheiro e terra para os necessitados.
	<i>"LoanBrokers" (intermediários)</i>	Pessoas que vendem informação de locais de potenciais credores e os que procuram empréstimos.
	<i>Comerciantes</i>	Comerciantes que para além desta actividade dão crédito em dinheiro ou espécie aos necessitados.
	<i>Moneylenders ou Agiotas</i>	São pessoas que se dedicam a emprestar o seu dinheiro à juros altos para pessoas que desesperadamente estão necessitando-o. Muitos deles operam em pequena escala e os seus empréstimos vão até for a dos seus fundos disponíveis, formando ordens de fornecedores de dinheiro. Os seus empréstimos são restrito à indivíduos e grupos de até 50 pessoas, tem baixos custos de transação e conhecimento profundo de informação acumulada dos seus clientes traves do contacto dia pós dia.
<i>Instituições não regulamentadas mais sofisticadas</i>	Funciona como bancos comerciais fazendo empréstimos com juros. Elas existem como forma de não pagar impostos como os bancos formais.	
<i>Xitique</i>	É uma forma rotativa de crédito e poupança divulgada no meio rural e per-urbana, assente na confiança entre os membros do grupo	

Fonte: Adaptada pelo autor com base em Adams, 1992; Rodrigues, 1994; Van den Brink *et al.*, 1997; Dava *et al.*, 1998

2.3 – Ajuda Mútua

É um fenómeno ou estratégia informal de sobrevivência para aumentar a segurança em geral alimentar duma população vulnerável (adaptado de Van Vugt *et al*, 2001).

O crédito e poupança informal confundem-se até certo ponto com ajuda mútua, uma vez que, nas comunidades rurais é habito os camponeses socorrem-se uns aos outros sem que para tal haja taxa de juro. A diferença básica entre ajuda mútua e crédito e poupança é que na ajuda mútua não há obrigatoriedade de a actividade ser baseada na transferencia de dinheiro se não a ajuda mútua em bens ou operações agrícolas.

2.3.1 - Organizações “tradicionais” de ajuda mutua e formas assalariadas”

De acordo com Van Vugt (1992) no Sul de Moçambique as formas “tradicionais “ de ajuda mútua distingue-se em não assalariadas e assalariadas. Não assalariadas inclui *Tsima*, *Cupfunana*, *Mbelelo*. As assalariadas incluem *kurimela*, *ku thekela* e *Mugwazo*. Na secção a seguir são descritas estas diferentes formas de ajuda mútua:

Formas de ajuda mútua não assalariadas

- *Tsima*

É a realização colectiva de um trabalho (sementeira, colheita, construção de residência, ...) por convite de alguém dirigido aos seus vizinhos. No final do trabalho o anfitrião organiza uma “festa” onde é servida comida e ou bebida (Valá, 1997).

- “*Cupfunana*”

É um sistema de inter-ajuda no seio de um grupo com carácter de troca de mão de obra. Difere do “*tsima*” pelo facto de no final da actividade colectiva, o anfitrião não servir bebidas ou comida, nem haver qualquer outra forma de recompensa (Valá, 1997).

- “Mbelelo”

É uma forma de ajuda mútua praticada para o combate às pragas migratórias, que funciona de seguinte maneira: um grupo de mulheres idosas da zona afectada pela(s) praga(s) marcham nuas ao longo das machambas, fazendo insultos à praga e acredita-se que isto vai combater a referida praga na zona. No fim das actividades não há nenhuma oferta de comida ou bebidas e é uma obrigação de todos os residentes locais aderirem à esta cerimónia. No acto da cerimónia nenhuma pessoa do sexo masculino ou meninas deve circular nas machambas (Van Vugt, 1992)

formas de ajuda mútua assalariadas

- “Kurimela”

É um tipo de trabalho baseado em operações agrícolas, realizado mediante contracto informal, normalmente em períodos de crise, em que uma família carenciada vende a mão de obra de um ou mais dos seus elementos em troca de sementes, gado ou dinheiro, conforme o acordado. O contracto cuja duração é variável não costuma prolongar-se para além de uma campanha agrícola. Esta forma é tipicamente praticada por pessoas com um certo poder de assalariar as pessoas necessitadas e inclui sobretudo a actividade agrícola (Valá, 1997).

- “Ku thekela”

É uma forma localmente praticada por pessoa ou grupo de pessoas da mesma zona ou não afectados pela fome, que deslocam-se para uma zona ou família não afectada pela fome para pedir por (compra) ou trabalhos desejados, bens alimentícios, animais e sementes. Nesta forma, as regras variam de zona para zona e de pessoa para pessoa. Pois, em algumas zonas não é preciso pagamento em dinheiro, bastando para tal a ajuda nas operações agrícolas, enquanto em outras zonas ainda tem que pagar os bens desejados (Van Vugt, 1992).

¹⁰ Mais informações consulte as obras de Mucavel, 1996; Valá, 1997; Xavier, 1996; Dava et al, 1998

• “Mugwazo”

É uma forma de ajuda mútua praticada mediante contracto informal em que uma família carenciada vende a mão de obra de um ou mais dos seus elementos em troca de semente ou dinheiro. O pagamento é por unidade da área trabalhada. A diferença com o *Kurimela* é que esta pode ser aplicada para outras actividades não agrícolas. Desde o tempo colonial essa forma tem ganho um espaço enorme, pois, como muita gente tem problemas de emprego, então aderem com força a esta prática (Mucavel, 1996).

A tabela a seguir resume as formas de ajuda mútua assalariadas e não assalariadas praticadas no Sul de Moçambique e descritas acima.

Tabela-2 Resumo das principais formas de ajuda mutua praticadas no sul de Moçambique

Classificação das formas de ajuda mútua em :		Características
Não assalariadas	“Tsimá”	É a realização duma operação pontual que custa muita mão-de-obra, seguida de celebrações (que incluem a oferta de bebidas e comida tradicional às pessoas que o ajudam).
	“Cupfunana” ou “Tsone”	É um sistema rotativo de troca de mão-de-obra em que não é preciso oferecer bebidas ou comidas aos participantes no trabalho, sendo por isso especialmente organizado pelos camponeses pobres.
	“Mbelelo”	Um grupo de mulheres idosas da zona reúnem-se e marcham pelas machambas, nuas fazendo insultos com objectivo de combater uma praga na zona (não tem base científica)
Assalariadas	“Kurimela”	Um indivíduo vai trabalhar na machamba do outro e em troca recebe algo simbólico.
	“Ku thekela”	Nos períodos de fome, uma pessoa ou grupo de pessoas da zona afectada pela fome, deslocam-se para uma zona onde não há fome para pedir alimentação e sementes.
	“Mugwazo”	Em uso desde a época colonial, é um tipo de trabalho agrícola sazonal não forçado voluntário e baseado num pagamento por unidade de área trabalhada, esta forma é também feita para outras actividades não agrícola.

Fonte: Compilada de Van Vugt, 1992; Mucavel, 1996; Xavier, 1996; Valá, 1997 e Dava et el, 1998,

2.4 – Desenvolvimento Rural

Segundo Burkey (1993), a teoria de modernização espelha o desenvolvimento como sendo qualquer coisa igual ao crescimento económico, progresso a altos níveis de civilização, onde o desenvolvimento económico é igual ao processo natural, alimentado através duma correcta aplicação atempada de inputs (poupanças domésticas, investimento internacional e ajuda externa).

MADER (2000) define o desenvolvimento como sendo um processo cultural integrado, carregado de valores, englobando o ambiente natural, as relações sociais, a educação, a produção, o consumo e o bem estar. Nesta perspectiva, considera-se como sendo um processo endógeno, que surge a partir do foro interior da sociedade, definindo de forma soberana a sua visão, contando inicialmente com as suas forças e depois dos que querem ajudar.

A mesma fonte refere que, o desenvolvimento rural passa por uma abordagem multisectorial baseada numa intervenção centrada nos actores, na qual o homem desempenha um papel primordial. O fortalecimento das organizações de base local e/ou comunitária e a promoção da comunicação horizontal partindo pela realização de acções que estimulam o desenvolvimento endógeno e participativo que responda as necessidades, anseios e aspirações das comunidades locais, é uma das estratégia usada por esta instituição para melhorar a vida da população rural. Neste caso, a participação comunitária aparece como o aspecto mais importante pela necessidade de envolver directamente as comunidades locais no processo de desenvolvimento rural, e é um requisito fundamental para que as intervenções de desenvolvimento sejam sustentáveis. A participação significa muito mais do que a auscultação ocasional da população sobre acções específicas, implicando uma autonomia local, situação que é atingida pela existência de organizações voluntárias no nível de base, enraizada na tradição e costumes locais, com liderança própria e legítima.

3.0 - METODOLOGIA

Neste capítulo será descrita a abordagem metodológica seguida na execução deste trabalho partindo desde à elaboração do protocolo passando pela recolha de dados na zona do estudo até à análise dos resultados.

3.1 - Elaboração do protocolo

Esta fase consistiu na recolha de dados secundários que versava sobre o tema em pesquisa nas várias bibliotecas da Cidade de Maputo. Foram visitadas as bibliotecas da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, do Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Letras e do NET (Núcleo de Estudos de Terra). Para além disso definiram-se os objectivos do estudo e a abordagem metodológica, este todo processo durou de 02/02/02 a 30/06/04.

3.2 – Recolha de dados

A recolha de dados de 03/06 a 07/07/02 foi feita no distrito de Chókwè, Província de Gaza no Sul de Moçambique, especificamente em três zonas:

1. Zona de Sequeiro em Macaretane e 25 de Setembro ao longo do rio Limpopo e Canal distribuidor de água no regadio do Chókwè.
2. Zona do regadio em Massavasse e Chilembene
3. Zona de Chókwè Cidade.

Para uma melhor compreensão define-se nesta tese:

Zona de sequeiro como sendo aquela zona em que os produtores desenvolvem a actividade agrícola dependendo das chuvas e o sector privado usa motobombas e puxam água do rio ou lagos para irrigação dos seus campos.

Zona do Regadio é aquela em que os produtores no geral desenvolvem a agricultura de rega usando o sistema do regadio local sem a necessidade do uso de motobombas.

Razões da escolha de cada uma das zonas

Escolheu-se a zona de sequeiro e regadio para análise comparativa em termos das práticas de poupança, crédito e ajuda mútua, existente em cada região que devido aos regimes de produção achou-se que poderiam ser diferentes. A cidade de Chókwè foi escolhida sobretudo por lá se encontrarem concentradas as instituições financeiras como os bancos e ONG's microfinanceiras e, a administração do distrito.

Descrição da área de estudo

O Distrito do Chókwè localiza-se na Província de Gaza (Mapa em anexo - 3), a sudoeste da margem direita do rio Limpopo a uma distância de 100 km da sua foz e cobrindo uma extensão de 1864 km² (INE, 2000). Este distrito tem como coordenadas geográficas, o paralelo 24° 32' sul e meridiano 33° 05' este. O distrito de Chókwè é considerado uma zona semi- árida com um índice de aridez de 0,44*

O distrito é limitado à Norte pelo rio Limpopo que o separa de Chibuto, Guijá, Mabalane e Massingir, à Sul pelo rio Mazimechopes, que o separa do distrito de Magude na província de Maputo e pequena faixa do distrito de Bilene Macia na província de Gaza. A Este separa-se pelo distrito da Macia e pequena faixa do distrito de Chibuto e, a Oeste pelos distritos de Guija e Massingir.

A capital do distrito – a cidade do Chókwè - fica a cerca de 220 km a noroeste da capital do país – Maputo e, a cerca de 120 km da capital provincial – Xai-Xai, com as quais se liga por uma estrada asfaltada em boas condições. As estradas rurais em terra batida estão em geral num estado precário de conservação, tornando-se muitas vezes intransitáveis durante a época das chuvas. O distrito é ainda atravessado pela linha férrea que liga Maputo a Chicualacuala junto à fronteira com o Zimbábwe (Corredor do Limpopo).

* INAM(2002) *Classifica o índice de aridez (Precipitação/Evapotranspiração) em 3 intervalos: Zona Semi-árida 0,20<índice>0,50 ; Sub-húmida 0,50<índice>0,75; Húmida Índice>0,75*

População

De acordo com INE (2000) o distrito tem 207175 habitantes o que corresponde à uma densidade populacional de 111 hab/Km². A população camponesa está, de momento, estimada em cerca de 34700 famílias, dentre estas 104000 habitantes trabalham directamente a terra (Director Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural _ DDADR, comunicação pessoal).

Actividades Económicas

As actividades económicas existentes são a agricultura, a pecuária e o comércio. Existe neste distrito o maior perímetro irrigado do país, com uma superfície de 26 000 hectares, da qual cerca de metade tem apenas aptidão para a cultura do arroz e cerca de 5% está actualmente inapta devido a problemas de salinização dos solos. O maior centro mercantil do distrito está na cidade do Chókwè que, todavia, não tem capacidade para absorver a totalidade dos excedentes da produção agrícola local. A maior parte da produção proveniente do regadio é dirigida para as cidades de Maputo e Xai-Xai, acessíveis por estrada asfaltada, mas, “a dificuldade” de escoamento, quer por falta de transporte, quer pelo seu elevado custo, é uma preocupação da maioria dos agricultores do distrito (DDADR, comunicação pessoal).

O distrito tem uma área agrícola a rondar aos 80 mil hectares explorados por três tipos de agricultores e criadores de gado: os “grandes, médios e pequenos”. Cerca de 40% da área cultivada, perfazendo um total de 32 000 hectares, incluindo os 26 000 hectares irrigados por sistemas de gravidade da Hidraulica de Chókwè-Empresa Publica (HICEP) e outros 4 000 hectares por grupos de motobombas fora do regadio (Direcção da HICEP, comunicação pessoal).

A produção agrícola está subdividida em dois tipos de explorações: explorações familiares dos pequenos agricultores e explorações empresariais, dos médios e

grandes agricultores. As primeiras têm, regra geral, uma área agrícola inferior a 3 hectares e em média 1 hectare, ocupando menos de metade da terra agrícola do distrito. A agricultura empresarial, desenvolvida em unidades que podem ir dos 4 aos 200 hectares, é explorada por cerca de 900 agricultores, e ocupa cerca de 30% da terra agrícola (DDADR, comunicação pessoal).

3.3 - Amostragem

- **Seleção da Amostra**

Para a selecção da amostra (Case, 1990) diz que numa população de cerca de 100 habitantes/agregados familiares a escolha de 15 agregados familiares ou habitantes para entrevistar é o mínimo aconselhável para um estudo qualitativo. Para esta pesquisa tomou-se 15 agregados familiares em cada população de 100 agregados. Para uma comunidade com população acima de 100 Case aconselha 15% para a amostra. Para a escolha dos agregados familiares a entrevistar usou-se a lista de números aleatórios. Em cada zona o agregado familiar foi dado um número de identificação correspondente à sua ordem no local. Esses números foram usados como números de identificação do agregado a ser entrevistado. Os números depois foram sorteados para a selecção de agregados da amostra. Este método é conhecido como amostragem aleatória simples (Barley, 1994). Para o caso das instituições a amostra foi de 7 instituições seleccionados com base no método "*Snow Ball*" (bola de neve). As instituições emergiam e cresciam a partir da entrevista com os agricultores e visita as primeiras instituições. Os agricultores entrevistados é que davam a direcção da instituição a ser visitada, assim como cada uma das instituição visitada indicava à outra instituição que desenvolve actividades similares. A tabela 3 abaixo sumariza a amostra do estudo.

Tabela-3 Número total de famílias e instituições entrevistada na zona de estudo

Zona/Área do Estudo		Amostra		Total da Amostra	
		Sector Familiar	Sector privado	Sector Familiar	Sector Privado
Zona de Sequeiro	Barragem	15	3	30 (22 homens e 8 mulheres)	5 (todos homens)
	25 de Setembro	15	2		
Zona de Regadio	Massavasse	15	2	30 (16 homens e 14 mulheres)	4 (todos homens)
	Chilembene	15	2		
Total dos entrevistados no distrito de Chókwè				N=69	
Na Cidade de Chókwè foram Entrevistados Instituições/ONG's				N=7	

Fonte: Elaborada pelo autor

Em termos de tempo, foram alocados 15 dias para cada uma das duas zona (sequeiro e regadio) e 7 dias para a cidade do Chókwè totalizando-se 37 dias no campo. Ficou-se mais dias fora da cidade do Chókwè, devido ao elevado número de pessoas que foram entrevistadas, e, por ser onde pretendia-se entender melhor os sistemas locais de crédito, poupança e ajuda mútua.

3.4 - Métodos de Recolha de Dados

Os métodos usados para recolha de dados incluem:

Métodos qualitativos: onde foram feitas entrevistas semi-estruturadas, observações simples, estruturadas e discussões em grupo. O uso deste método para a pesquisa deveu-se ao objectivo principal da pesquisa que era de natureza descritiva o que requer muita informação sobre a vida da comunidade local que não pode ser quantificado ao todo. Esta informação inclui:

- Sistemas formal, semi-formal e informal de crédito e poupança;
- Organizações locais de ajuda mútua;
- Ligação instituição de concessão de crédito e as de obtenção e,
- Barreiras que cada instituição encara no seu funcionamento.

3.4 - Métodos de Análise de Dados

✓ A pesquisa qualitativa usando sobretudo a técnica de entrevista semi-estruturada, não estabelece separações marcadas entre a colecta de informações e a interpretação das mesmas (Triviños, 1987). Daí que, a análise dos dados começou no campo durante a colecta dos mesmos. A dimensão subjectiva deste enfoque, cuja verdade se baseia em critérios internos e externos, favorece a flexibilidade da análise dos dados. Isto permite a passagem constante entre informações que são resumidas e que, em seguida, são interpretadas, para o levantamento de novas hipóteses e novas buscas de dados (Bogdan *et al.*, 1982). Esta etapa levou um período de 02/02 a 30/10/04 assim a análise baseou-se em:

a) Análise de conteúdo

Este método envolve identificação de exemplos coerentes e importantes, termos e padrões nos dados. O analista procura citações ou observações idênticas, exemplos da mesma ideia, assunto ou conceitos. Muitas vezes isto envolve o agrupamento de todos os dados que abordam uma pergunta particular da pesquisa. Por exemplo, uma pergunta sobre a implementação dum programa de desenvolvimento rural poderia dizer respeito a natureza de interesses entre o pessoal do programa (extensionista, etc.) e os participantes do programa (os membros da comunidade). Primeiro o analista agrupa todos os dados relacionados com este assunto depois subdivide-se aqueles dados em categorias coerentes, padrões e termos (Matakala, 2001)

b) Coincidência de padrões ("Pattern matching")

Este método é parte da análise de conteúdo e envolve a codificação das respostas (dados), juntando as respostas similares, explicando as diferenças (respostas não similares) e tirando conclusões relevantes a partir desta análise das respostas. Este método é similar a análise de distribuição de frequências na análise quantitativa (Matakala, 2001). Para que os resultados tenham valor científico devem ter coerência, consistência, originalidade e objectividade (Bogdan *et al.*, 1982).

c) Confrontação da teoria e outros estudos com a realidade encontrada

Com este método pretende-se fazer uma comparação entre as teorias e outros estudos aqui apresentados por diversos autores, com o que na realidade acontece no local do estudo em relação ao problema do estudo.

4.0 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados do estudo. A apresentação destes procurará responder aos objectivos específicos e, a medida que serão apresentados, análises críticas dos mesmos será feita.

4.1 - Organizações locais e o seu papel para o desenvolvimento da agricultura

As organizações locais identificadas na zona do estudo tem de acordo com os entrevistados um papel importante no desenvolvimento das práticas de poupança, crédito e ajuda mútua, porque são caracterizadas pelo associativismo e a interacção social, características que permitem desenvolver relações de amizade, confiança e conhecimento mútuo que são importantes nas práticas informais. Na tabela a seguir são apresentadas as organizações locais que foram mencionadas para de seguida se abordarem as formas informais de crédito e poupança localmente praticadas.

Tabela-4 Organizações locais identificadas nas zonas de sequeiro e regadio (N=69)

Zona de sequeiro (N=35)				Zona do regadio (N=34)			
Tipo de organização local	Numero de Participantes		Total	Numero de participantes		Total	Total geral
	H	M		H	M		
Congregações religiosas (6)	24	8	32	5	12	17	49
Comités de aldeias (2)	22	8	30	15	10	25	55
Associação de regantes (11)	0	0	0	20	14	34	34
Grupos de Camponês2)	23	8	31	0	0	0	31
Associações de criadores de gado (1)	0	0	0	18	0	18	18
AGRIGAZA (1)	5	0	5	8	0	8	13

Fonte: Elaborado pelo autor com base na entrevista à 69 agricultores no Chókwè

Duma forma geral a tabela mostra que maior parte dos entrevistados fazem parte dos comités de aldeia, congregações religiosas e associações de regantes. Há uma diferença entre as zonas de regadio e de sequeiro em termos de organizações mais mencionadas. Na zona de sequeiro há maior número de pessoas ligadas à congregações religiosas e grupos de camponeses enquanto que, na zona de regadio foi mais mencionado associação de regantes e de criadores de gado que, não existem

na zona de sequeiro. Devido a importância destas organizações na dinamização de formas financeiras informais passa-se a descrever as 4 mais mencionadas (congregações religiosas, comités de aldeia, associações de regantes e associações de criadores de gado).

✓ *As congregações religiosas*

A principal actividade destas organizações é de louvar a Deus e ensinar os mandamentos bíblicos que incentivam o amor ao próximo, a interajuda, a honestidade e a caridade. Estes ensinamentos ao mesmo tempo que são importantes como um modo de vida dos religiosos eles incentivam as práticas informais de poupança, crédito e ajuda mútua. Desta forma muitos dos religiosos encontram-se igualmente envolvidos nas práticas informais acima descritas, sobretudo as de ajuda mútua.

✓ *Os comités de aldeias*

São pequenos agrupamentos que surgem no seio das comunidades, vocacionados à resolução de conflitos no seio das comunidades rurais. A convivência e interacção entre os membros do comité resulta num conhecimento mútuo e no desenvolvimento de confiança mútua entre os participantes. Esta confiança mútua resulta no desenvolvimento de mecanismos informais de crédito, poupança e ajuda mútua. Muitos dos praticantes de Xitique que mais adiante será abordado referiram que fazem-o-no com colegas do comité da aldeia.

✓ *As associações de regantes*

São pequenos agrupamentos de agricultores que praticam as suas actividades no regadio, criados pela Hidráulica Agrícola de Chókwè – HICEP, e reconhecidos oficialmente, com o mandato principal de promover a gestão participativa do regadio, e para a manutenção do regadio. Estas associações constituem um elo de ligação entre as instituições que velam pelo regadio (HICEP e DDADR) e os camponeses usuários. Os regantes contribuem assim na manutenção do sistema de

regadio e, por estarem organizados e, reconhecidos legalmente têm facilidades na obtenção de créditos para fomento de actividades agrícolas. Para além de terem a actividade de manutenção do regadio, os membros das associações de regantes formam pequenos grupos de poupança que é internamente uma forma institucionalizada e, os camponeses individualmente fazem outras formas informais de poupança, crédito e ajuda mútua tais como o *Xitique* e *Kufhunana*.

✓ *As associações de criadores de gado*

Estas associações existem na zona de regadio e foram criadas pelos serviços distritais de pecuária como forma de organizar os criadores de gado e melhor interagir com eles. O objectivo essencial era de permitir que o fomento pecuário assim como a assistência veterinária se fizessem numa forma mais organizada e, sensibilizar os criadores à respeitarem áreas de pastagem, de moradia e de produção agrícola uma vez que isto não se observava e o gado pastava sem observar restrições de área. A organização dos criadores de gado em associações permite-os terem acesso a vários serviços como os acima mencionados mais também maior convívio e interacção entre os criadores resultando na prática mais efectiva do *Kuvekissa*.

4.1.1 – Sistema de poupança e crédito informal na zona do estudo e o seu impacto no desenvolvimento da agricultura

Neste capítulo são apresentadas e descritas as formas ou sistema de poupança e crédito informal mencionados pelos entrevistados que, como acima referido estão intimamente ligadas às organizações locais. A tabela 5 abaixo apresenta estas formas e sua prática na zona de regadio e de sequeiro.

Tabela-5 Sistemas de credito e poupança no sequeiro e no regadio (N=69).

Sistema ou forma	Zona de sequeiro (N=35)			Zona de regadio (N=34)			Total geral
	Praticantes			Praticantes			
	H	M	Total	H	M	Total	
<i>Rosca's</i>	0	0	0	0	0	0	0
<i>Ascra</i>	0	0	0	0	0	0	0
<i>Grupos de poupança</i>	0	8	8	0	10	10	18
<i>Homem banco</i>	0	0	0	0	0	0	0
<i>Amigos e próximos</i>	27	8	35	20	14	34	69
<i>Fazendeiros</i>	10	0	10	14	0	14	24
<i>Intermediários para crédito</i>	0	0	0	0	0	0	0
<i>Xitique ou Kafo</i>	0	8	8	2	13	15	23
<i>Comerciantes</i>	0	0	0	0	0	0	0
<i>Agiotas</i>	0	0	0	0	0	0	0
<i>Instituições não regulamentadas</i>	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	27	8	35	20	14	34	69

Fonte: Elaborado pelo autor com base na entrevista à 69 agricultores no Chókwè

Das 11 formas de crédito e poupança apresentadas na moldura teórica apenas 4 (*grupos de poupança, Xitique ou Kafo, fazendeiros e amigos & próximos*) é que foram mencionadas. Dentre as 4, amigos e próximos, fazendeiros e, Xitique são as mais praticadas. Comparando as duas zonas verifica-se que, fazendeiros e Xitique são relativamente mais praticadas na zona de regadio e, não se nota uma grande diferença no que diz respeito à forma amigos e próximos e grupos de poupança. A ocorrência de mais praticantes de xitique na zona do regadio pode pressupor que comparativamente à zona de sequeiro há maior circulação de dinheiro na zona de regadio o que pode estar ligado a maiores produções nesta área comparada com o sequeiro. Por outro lado a maior ocorrência da forma fazendeiros no regadio pode

estar ligada ao facto de que, há relativamente maior procura de terras nesta área comparado com a de sequeiro. Na secção a seguir descrevem-se de forma mais detalhada os sistemas mencionados.

✓ *Os grupos de poupança*

São pequenos agrupamentos de agricultores e, vendedores dos mercados locais que, se juntam em grupos de 8-15 elementos e, que dependendo do grupo diariamente, quinzenalmente ou mensalmente fazem contribuições monetárias e o valor é guardado numa caixa de poupança do grupo. Este valor é usado normalmente para pagar as despesas como insumos agrícolas e água do regadio. Na agricultura, os montantes definidos eram de 20.000,00mt por cada agricultor do sector familiar por cada 15 dias (por exemplo em Massavasse) e mesmo montante por um cada final de mês em Xilembene.

Durante a pesquisa notou-se que os grupos de poupança apresentavam ainda pouca afluência em termos de número de praticantes pois, estavam ainda em formação e, sobretudo por influência de ONGs que operam na área e que tem “forçado” os camponeses a criarem grupos de poupança como condição para acederem as suas ajudas.

✓ *Os amigos e próximos*

Tal como mostra a tabela amigos e próximos, são os que mais praticantes apresentam. Neste sistema um agricultor recorre ao vizinho para uma ajuda seja em valores monetários, prestação de serviços (como por exemplo, tractor ou uma junta de gado para lavoura) que podem ser pagos após colheita por dinheiro ou pagamento por prestação de serviços similares. É importante salientar que para quem não tem junta de gado ou tractor pode fazer o pagamento deste empréstimo através dum trabalho sazonal nas operações de sachas ou outras na machamba do proprietário deste gado ou tractor. A honestidade, a simpatia e o conhecimento mútuo são as principais condições para o funcionamento desta forma.

✓ *Os fazendeiros*

Constituem os agricultores que usufruem grandes extensões ou propriedades de terra que normalmente são caracterizados pela maior fertilidade e encontram-se localizadas próximos das vias fluviais. Este nome é considerado um sistema ou forma de poupança e crédito informal porque neste sistema existem transacções de dinheiro, assim como crédito por espécie. Os agricultores locais que têm áreas agrícolas que não pretende usar numa determinada época agrícola emprestam à aqueles agricultores locais ou provenientes doutras zonas e que pretendem desenvolver actividades agrícolas num determinado período. E estes pedem como restituição das parcelas em uso o pagamento dum determinada quantia monetária (normalmente 700 000,00 Mts por campanha e por hectare) e, ou consiste em, em vez de pagar os 700,000,00mt o “inquilino” deverá atribuir ao fazendeiro, a produção proveniente de $\frac{1}{4}$ da área cedida.

✓ *Xitique*

O “Xitique” é nesta zona de estudo desenvolvida por pequenos produtores do sector familiar normalmente agrupados em grupos de poupança, entre amigos & próximos, entre crentes das congregações religiosas e entre membros dos comités das aldeias. Porém, mesmo dentro das associações de regantes e de criadores de gado foram encontrados praticantes de Xitique. A forma de funcionamento é a que foi descrita na revisão bibliográfica em que, os membros contribuem certo montante por um período estipulado e, dum forma rotativa o montante passa pelos membros. A diferença encontrada durante o estudo era respeitante aos montantes envolvidos, número de membros envolvidos e o período de contribuições. Por exemplo 12 elementos do grupo de xilembene, onde cada um tirava 20 000,00Mts mensais e umas 8 senhoras vendedoras do mercado que fazem parte do mesmo grupo contribuíam também 10 000,00Mts diários sempre no fim do dia. Enquanto que na zona de sequeiro um grupo de 15 elementos (todas do sexo feminino) vendedoras do mercado e beneficiários da FCC, contribuíam quinzenalmente 15000, 00Mts e diariamente 10 000,00Mts sempre depois das vendas diário.

➤ **Importância das formas para o desenvolvimento agrícola**

De uma maneira geral, o sistema de crédito e poupança informal na área de estudo é caracterizado por uma maior prática do sistema de amigos e próximos, fazendeiros e “xitique”. Razões para isto podem incluir o facto de serem praticadas desde a antiguidade pelos agricultores locais e passadas de geração em geração e por serem formas que tem pouca exigência em termos burocráticos e de recursos para o seu funcionamento .

Estas formas de créditos e poupança têm um impacto positivo na agricultura do sector familiar já que as mesmas permitem que, os praticantes consigam satisfazer de alguma forma os seus interesses pois, assim eles continuam produzindo para o seu consumo e para o mercado (sobretudo os da zona de regadio). Sem estas formas a produção seria ainda muito mais deficitária pois vejamos: Os grupos de poupança usam o seu dinheiro para compra de insumos agrícolas que ajudam a melhorar a produção agrícola. Com o dinheiro do *xitique* alguns entrevistados referiram que compram novos instrumentos agrícolas e, conseguem contratar mão de obra sazonal o que igualmente ajuda no desenvolvimento da agricultura. Os fazendeiros apesar de ser um sistema que acarreta custos aos inquilinos, o sistema pelo menos permite que as áreas agrícolas sejam exploradas e a produção se faça. Caso isto não se observasse significaria subaproveitar os solos e reduzir os índices de produção do distrito. Os amigos e próximos permitem empréstimos de equipamento agrícola que ajuda em termos de áreas trabalhadas e de dinheiro que igualmente é aplicado para fins que incluem cuidados de saúde, escola de crianças e na compra de insumos agrícolas do devedor o que é igualmente importante para o desenvolvimento da agricultura.

4.1.2 – Formas de ajuda mutua na zona do estudo e o seu impacto no desenvolvimento da agricultura

Duma forma geral e como mostrado na tabela 6 abaixo, todas as formas de ajuda mútua enumeradas na revisão bibliográfica são praticadas na zona de estudo. Porém, *Mbelelo*, *Kuvekissa*, *Tsima* e *Kuthekela* foram comparativamente as restantes, as mais citadas.

Tab-6 Formas de ajuda mutua existente na zona de sequeiro e regadio - Chókwè (N=69)

Zona de sequeiro (N=35)				Zona de regadio (N=34)				Total geral
Formas de ajuda mutua		Nº de praticantes			Nº de praticantes			
		H	M	Total	H	M	Total	
Não assalariadas	<i>Tsima</i>	15	7	22	20	11	31	53
	<i>Cupfunana</i>	11	7	18	15	7	22	40
	<i>Ku vekissa</i>	27	8	35	15	6	21	56
	<i>Mbelelo</i>	27	8	35	20	14	34	69
Assalariadas	<i>Kurimela</i>	5	8	13	0	9	9	22
	<i>Ku thekela</i>	10	7	17	18	14	32	49
	<i>Mugwazo</i>	2	7	9	20	12	32	41
Total		27	8	35	14	20	34	69

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de entrevista à 69 agricultores no Chókwè

O facto de *Mbelelo* ter sido mencionado por todos entrevistados pode dever-se a facto de que há uma forte pressão social interna para que todos participem. É um tipo que funciona de “*modo compulsivo*”. Todos os membros da comunidade devem participar no ritual de afugentar as pragas migratórias. O *kuvekissa* é igualmente muito praticado pelo facto de que por tradição maior parte dos moradores de Chokwe são criadores de gado e, os não criadores encontra neste modelo uma forma de conseguirem os animais para começarem com a criação. Para os praticantes o *kuvekissa* é igualmente uma estratégia de redução de riscos pois, permite distribuir os animais por diferentes locais e, incutir responsabilidades à terceiros.

Não obstante serem praticadas nas duas zonas de estudo, nota-se que *Tsima*, *Kuthekela* e *mugwazo* são mais praticados na zona de regadio enquanto que *Kurimela* e *Kuvekissa* são relativamente mais praticados no sequeiro. Pelas características do

funcionamento destas formas referidas na literatura pode-se inferir que no regadio há relativamente mais dinheiro e pessoas com possibilidades de pagar por serviços prestados enquanto que, na zona de sequeiro há relativamente mais riscos e maior número de pessoas com poucas posses, o que lhes obriga a deixar gado em outros locais e a procurar cultivar ou trabalhar para outros. Dado que o funcionamento das formas estudadas é idêntico ao descrito na literatura, não se fará o detalhe do seu funcionamento na área de estudo. Referir apenas de que, *Kuvekissa*, que consiste em aloucar os bens, normalmente o gado bovino, em diferentes parceiros que podem se encontrar situados na mesma área residencial ou não foi a única forma que não aparecia na literatura apresentada neste trabalho. Esta forma contribui na reprodução das espécies animais e na lavoura dos campos agrícolas. É importante referir que a pessoa que entrega os seus animais a outrém ao levar de volta os seus animais gratifica a pessoa que guardou entregando-lhe uma fêmea.

➤ **Importância das formas de ajuda mútua para a agricultura**

As formas de ajuda mútua estudada são caracterizadas pela maior prática das formas não assalariadas para as operações agrícolas do que as assalariadas. Isto sugere que, maior parte da população é de baixa renda e pratica sobretudo a agricultura de subsistência. O facto de ter muitos praticantes isto revela por si só que, o desenvolvimento da agricultura ou pelo menos a prática actual da agricultura é fortemente dependente destas práticas. Muitas das formas tem dupla importância pois, se dum lado permitem que a actividade agrícola se realize as mesmas servem por outro de promotoras da interacção social e do reforço das relações entre os intervenientes. É igualmente importante referir que as mesmas permitem a satisfação de necessidades mais imediatas como por exemplo o *Kurimela*, o *Muguazo* e *Tsima* que permitem as pessoas terem alimentação ou dinheiro para satisfazer necessidades imediatas.

4.2 – Instituições semi-formais e o seu papel no desenvolvimento agrícola

Após terem sido avaliadas as iniciativas locais de poupança, crédito e ajuda mutua no capítulo anterior, nesta secção abordar-se-a o sistema financeiro semi-formal na área do estudo.

Foram identificadas na zona do estudo duas instituições micro financeiras e uma unidade de implementação de projectos da empresa publica hidraulica agricola de Chókwè, designadamente:

- ✚ O Fundo de Crédito Comunitário da World Relief (FCC);
- ✚ A Caixa de Crédito Comunitário da Organização Rural da Ajuda Mutua (CCM/ORAM) e;
- ✚ A Unidade de Implementação de Projectos da Hidráulica Agricola de Chókwè, Empresa Pública (UIP/HICEP).

Para o melhor tratamentos dos dados procura-se enquadrar a UIP/HICEP, no grupo das instituições mas não deve ser visto como uma ONG ou instituicao financeira mas um programa da HICEP, que visa implementar diferentes tipos de projectos onde para o caso deste trabalho a UIP implementa os projectos de criação de caixas de créditos para os camponeses organizados pelas associações de regantes locais.

A tabela abaixo sumariza as instituições em termos do seu grupo alvo, actividade, localização, origem, e abrangência.

Tab-7 Instituições microfinanceiras que operam na zona do estudo e respectivo grupo alvo

Instituição	Grupo alvo	Actividade	Localização	Origem/Tipo	Abrangência
FCC	Comerciantes	Crédito	Vila de Chókwè	Internacional	Todo distrito
CCM/ORAM	Comer/Agricultor	Crédito	Massavasse	Nacional	Z. de regadio
UIP/HICEP	Agricultores	Crédito [∧]	Vila de Chókwè	Nacional	Z. de regadio

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas

[∧] Esta actividade é desenvolvida como forma de ajuda mútua porque esta instituição usa um fundo de doação que esta incluso na politica da introdução de gestão participativa no regadio de Chókwè como forma de tirar os agricultores locais à sequelas das cheias de 2000.

A tabela mostra que das três instituições micro financeiras só uma instituição, a UIP/HICEP, é que tem como grupo alvo específico os agricultores e, são sobretudo os e sector familiar pois, tendo em conta que os montantes atribuídos são baixos, os do sector privado preferem não aderir. Por outro, nota-se igualmente que elas desenvolvem actividades somente ligadas ao crédito e, isto tem haver com o facto da legislação nacional não permitir que as micro financeiras desenvolvam actividades de poupança. Isto tem de certa forma implicações: por um lado, um sistema de crédito sustentável deve ser alimentado por um sistema de poupança e, por outro, a não existência de serviços de poupança por parte de micro financeiras faz com que as poupanças sejam feitas e guardadas no sistema informal ou nas casas individuais e, neste último caso com pouca contribuição para a economia do país e, sub fortes riscos de se perder ou queimar em casos de incêndio. As micro financeiras por operarem mais próximas dos produtores comparativamente aos bancos formais seriam uma alternativa segura para o desenvolvimento de sistema de poupança.

De acordo com os entrevistados os agricultores do sector familiar (Sf), é que são os únicos clientes das instituições micro financeiras pois, como acima referido, os privados não usam estas instituições alegando que eles fornecem crédito em valores insignificantes para o tamanho das suas actividades agrícolas. As micro financeiras apresentadas tem ainda como clientes algumas instituições informais. Por exemplo, a FCC tem os *grupos de poupança e de xitique*; a UIP tem as *associação de regantes*). De referir porém que esta interacção surge pelo facto de, terem sido as micro financeiras a fundarem as organizações informais. A UIP é a fundadora das associações dos regantes enquanto que a FCC fundou os pequenos agrupamentos de poupança no seio de comerciantes ou agricultores que desenvolvem comércio e com quem eles tem ligações de crédito. Para melhor compressão de como funciona cada instituições é mostrada a descrição e funcionamento de cada instituição.

✓ **Fundo de Crédito Comunitário da World Relief (FCC)**

Esta é uma instituição microfinanceira que opera a nível nacional, e, surgiu duma iniciativa da *World Relief* em querer ajudar as comunidades e, impulsionar o desenvolvimento comunitário através de promoção de micro empresas individuais. A instituição concede créditos para comércio e não para agricultura. A sede encontra-se na cidade de Maputo, que se subordina a *World Relief*. A FCC dá créditos aos pequenos negociantes dos mercados locais que devem estar agrupados em 5 à 8 pessoas com um responsável que recebe os fundos correspondente a todo o grupo e, é esta pessoa que vai se responsabilizar pelo reembolso do valor para a instituição através do técnico que vai ao encontro do grupo.

Taxa de Juro

A taxa de juro cobrada pela instituição é de 20% para todo o ciclo sobre o valor do empréstimo, num período de reembolso de 4 meses dividido em 8 prestações quinzenais.

Taxa de reembolso

A taxa de reembolso é estimada em cerca de 97.5% pela instituição; porém, os clientes reclamam que o período é demasiado apertado. Para garantir o reembolso a FCC têm técnicos que vão ao encontro dos clientes nos seus locais de actividade sobretudo nos mercados.

Carteira de crédito e poupança

a instituição até o período da realização da pesquisa tinha como carteira de crédito cerca de 300 000 000,00Mts distribuídos pelos agricultores locais que igualmente desenvolvem pequenas negócios nas zonas de Macaretane, Chókwè cidade, Massavasse e Chilembene. No total são cerca de 530 clientes em 51 grupos dos quais 45 grupos são composto por 8 elementos e 6 grupos compostos por 5 elementos cada.

Os 51 grupos formados pela FCC para aspectos e crédito, tinham acumulado um total de cerca de 168 milhões de meticais em poupança e, o dinheiro foi disponibilizado á FCC para guardar que, por sua vez, deposita-o em seu nome. Não foi fornecida informação por grupo mas, a FCC referiu que, os grupos que tem poupanças por eles guardadas tem prioridade em termos de crédito e, gozam de mais privilégios, como por exemplo puderem aceder à créditos maiores.

Nota-se a partir deste esquema, uma interacção indirecta entre o sistema informal e o formal com as micro financeiras como o elo de ligação. Porém, os grupos entrevistados só sabem que o dinheiro está com a FCC e, não sabem que está guardado no banco. Há riscos envolvidos nisto pois, em casos da FCC desaparecer poderá ser difícil para os grupos reaverem as suas poupanças, que estão no banco em nome da FCC. Porém, entre desenvolver sistema de poupança e relações de confiança mútua e, não ter sistema de poupança é melhor para o país e para o distrito que se desenvolva o sistema de poupança.

Apesar de a FCC referir que dá crédito apenas a pessoas que desenvolvem negócios, muitos agricultores estão envolvidos no sistema e, aplicam parte do montante emprestado e ou os lucros para actividades agrícolas. Mesmo os que não desenvolvem a actividade agrícola (coisa rara no Chókwè), muitos deles investem o dinheiro do negócio na compra de animais (bois) que, são usados na tracção animal, beneficiando indirectamente a agricultura.

✓ **A Caixa de Crédito Comunitário da ORAM (CCM)**

É uma instituição microfinanceira nova que opera no Chókwè em Massavasse desde 1999, e que ainda está interessada em expandir as suas actividades de promoção de créditos para todo o Chókwè e em quase todo o país. A sua sede está na cidade de Maputo. Esta instituição surgiu no seio da ORAM que também está vocacionada não só nos problemas de título de terra dos agricultores, mas também no financiamento

agrário. Esta instituição está a financiar tanto o sector comercial (pequenos negociantes) assim como aos pequenos agricultores.

Para o seu funcionamento, são formados grupos de 5 elementos auto - seleccionados e com um representante da sua escolha. Esses elementos devem estar inscritos como sócios da CCM e, são identificados por uma senha que se obtém durante o registo de cada elemento mediante o pagamento de um valor denominado jóia de 30 000, 00Mt. O valor inicial de crédito é de 100 000, 00Mt por cada elemento do grupo e, depois do reembolso sem problemas vai-se subindo de escala até um tecto máximo actual de dez milhões.

Taxa de Juro

De acordo com os entrevistados, clientes e funcionários desta instituição a taxa de juros aplicada é de 4.5 % mensais tanto na agricultura como para o comércio.

Taxa de reembolso

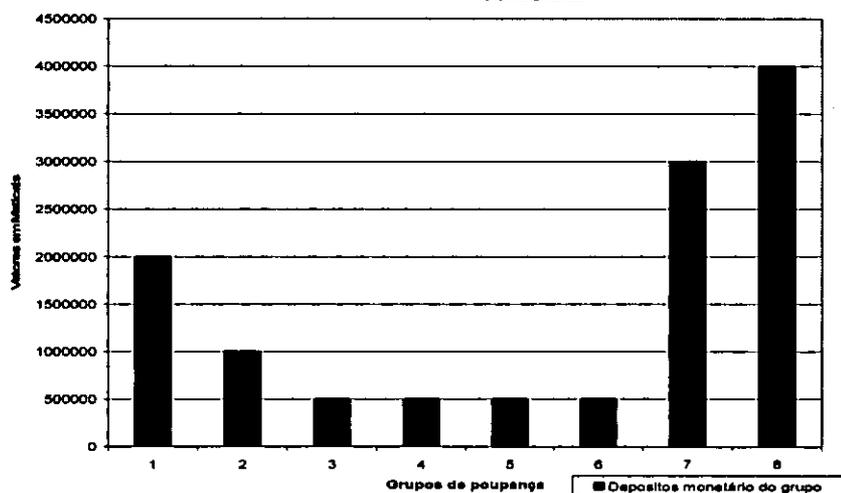
A taxa de reembolso para esta instituição está subdivida em duas partes porque existe financiamento para agricultura e comércio. Para agricultura, a taxa de reembolso foi estimada em 100%, pagáveis em 6 meses onde nos primeiros 5 meses o agricultor deve reembolsar somente a parte de juros mensais e no último mês paga-se o capital inicial e os juros do último mês. Para comércio a taxa de reembolso é estimada em 99%, pagáveis em 4 meses e em cada mês deve-se reembolsar o capital mais os juros correspondentes a cada mês. Os fundos provém de Maputo e a CCM local deve reembolsar semestralmente para sede, o capital com uma taxa de juro única de 10%.

Carteira de Crédito & Poupança

Esta instituição, tinha alocado em forma de crédito cerca de 100 000 000, 00Mt para um total de 40 clientes correspondente à 8 grupos de crédito compostos de 5 elementos cada.

A semelhança de FCC, a CCM tem mobilizado os grupos a fazerem poupanças e, estes tem aderido a iniciativa. Os grupos existente têm feito poupanças de fundos para o auto-sustento, e por causa de falta de segurança para guardar dinheiro, eles guardam esse fundo na tesouraria da CCM que, por sua vez recorre às instituições formais. Na altura da pesquisa havia uma carteira de poupança de 12 000 000,00Mt correspondente à poupança dos 8 grupos. Dos dados fornecidos pela CCM (figura abaixo), nota-se que o valor mais baixo era de um grupo que tinha depositado ainda 2 000 000, 00Mts e o valor máximo era de 4 000 000,00Mts. Com este sistema a CCM refere que garante-se o reembolso de valores emprestados e aumenta a confiança com os clientes enquanto que, os grupos beneficiários entrevistados afirmaram que com este sistema minimiza-se o problema de deslocação para os bancos formais situados na cidade Chókwè, situado a cerca de 30 km com custos de transporte ida e volta a rondarem 30 000,00mt.

Fig.1 - Grafico Ilustrativo dos montantes de depositos dos grupos de poupança da CCM/ORAM



A semelhança da FCC, os créditos cedidos pela CCM estão a ajudar os agricultores locais e, o facto de a CCM considerar as características específicas da agricultura permitindo que o pagamento seja feita em função de campanha e não de meses, trás ainda mais vantagens quando comparado com o FCC. O facto de, a instituição

reportar uma taxa de reembolso de 100% revela que, a actividade agrícola pode ser financiada. É preciso que esta iniciativa seja monitorada com o tempo e se mantiver-se com o performance actual que a iniciativa seja analisada com mais profundidade e replicada se possível para outros cantos do país.

✓ **Unidade de Implementação de Projectos da HICEP (UIP/HICEP)**

É uma nova instituição ligada à manutenção e desenvolvimento da agricultura no regadio e, subordina-se à Hidráulica de Chókwè – Empresa Publica (HICEP), instituição gestora do regadio. Ela surge como um projecto pós cheias, que financiava todos os custos de produção para os agricultores do regadio e, numa primeira fase os fundos usados não tinham taxas de juros, interessando o reembolso do capital investido apenas como crédito. Para a implementação esta iniciativa o distribuidor número 11 (área definida por um único canal distribuidor chamado de dique correspondente a uma área de cerca de 1000 ha) em Massavasse foi seleccionado como zona piloto da iniciativa por apresentar um equilíbrio entre o número dos utentes do sector familiar e do privado e, também, pela experiência e dinâmica dos agricultores desta zona.

Os agricultores deste distribuidor num total de 395 agricultores viram com esta iniciativa, as suas machambas lavradas e foram dados insumos a crédito. Fora disso, foram “obrigados” a formar uma caixa de crédito agrícola por cada canal distribuidor de modo a beneficiar da iniciativa. Para o início do funcionamento da caixa os agricultores do distribuidor 11 (D₁₁), beneficiaram-se de um valor de 200 USD para abertura de uma conta no banco.

Taxa de juro

A Unidade de Implementação de Projectos da HICEP (UIP) não estabeleceu nenhuma taxa de juro nesta actividade financeira.

Taxa de reembolso

Ate o período da realização desta pesquisa, a taxa de reembolso era nula, porque os agricultores estavam ainda no momento de colheita de arroz e, o milho ainda estava no estagio de floração.

Carteira de crédito e poupança

O custo envolvido com o trabalho feito e com os insumos distribuídos á crédito aos 395 agricultores do D11 foi avaliado em cerca de 1 185 000 000,00Mts. O pagamento por cada produtor foi estimado em 3000 000,00Mts/ha. Porém como cima referido, até ao período da pesquisa os agricultores ainda não tinham começado a depositar fundos do crédito cedido.

Dum modo geral a iniciativa é igualmente importante para o desenvolvimento da agricultura no Chokwé pois ele permite que produtores sem condições financeiras possam aceder a insumos e preparar as suas áreas de cultivo. No entanto, há sérias dúvida em relação aos reembolsos pois, parece haver uma abordagem de cima para baixo e coerciva. O facto de, os 395 produtores não terem sido capazes de reunir 200USD (cerca de 5 000000,00mt na altura do estudo) pode revelar uma fraca coesão e pouco interesse pela iniciativa e, por isso há sérias dúvidas que os mesmos venham a pagar 3 000000,00mt e logo duma única vez no final da campanha.

4.2.1 - Dificuldades encaradas pelas micro financeiras no financiamento agrícola

De acordo com a gerência das organizações micro financeiras as dificuldades apresentadas são entre outras as seguinte:

- ✚ Dispersão geográfica dos clientes - isto torna os custos administrativos das instituições elevados. Uma vez que os clientes encontram-se dispersos então, a movimentação dos gestores de crédito à procura de novos clientes ou para seguimento de créditos já entregues, acarreta custos para as ONG's microfinanceiras.
- ✚ Clientes com baixo nível de escolaridade - isto dificulta a contabilidade dos seus negócios. Os clientes com baixo nível de escolarização tem dificuldades em avaliar perfeitamente os custos e benefícios envolvidos nas suas actividades e, saber interpretar os critérios exigidos pelas ONGs tais como as taxas de juros e implicações da demora de reembolsos.
- ✚ Clientes com falta de cultura de crédito - o que torna difícil fazer entender a pessoa que o dinheiro que ele leva deve ser reembolsado para servir aos outros;
- ✚ Os clientes não tem a cultura de organização em grupos ou associações o que dificulta o processo de financiamento e de reembolso e geralmente os;
- ✚ Clientes não cumprem os prazos de devolução dos créditos.

De modo geral nota-se uma diferença no processo de financiamento feito pelas instituições micro financeiras existentes e descrita acima. O FCC não financia como tal a agricultura, e tem modalidades que dificultam operadores agrícolas tais como os reembolso mensais. A CCM aparece como a que comparada com a anterior responde de forma mais apropriada os anseios dos produtores. A HICEP tem um projecto piloto que ainda precisa de ser avaliado com mais detalhe ao longo do tempo, porém a não existência de taxas de juro pode criar fricção junto com as que assim exigem (a CCM e FCC).

As instituições micro financeiras que operam no Chókwè estão mais concentradas na zona de regadio onde os seus créditos estão mais virados para o sector comercial de pequena escala do que para o sector agrícola. Existe na zona de regadio associações de poupança & crédito, *Associações de Regantes*, criadas pelas micro financeiras estudadas, enquanto que a zona de sequeiro muito pouco desse movimento se observa (só existem os grupos de poupança criadas pela FCC). Portanto numa forma geral as micro financeiras estão a beneficiar sobretudo a zona de regadio.

4.3 - Instituições financeiras formais e o seu papel no desenvolvimento agrícola no Chókwè

Após terem sido analisados os sistemas informais e semi-formais, nesta secção abordar-se-á o sistema financeiro formal na área do estudo. As instituições financeiras formais na área do estudo são: o Banco Internacional (BIM), Banco Comercial e de Investimento (BCI) e, Banco Austral. A tabela abaixo sumariza as instituições em termos do grupo alvo, actividades desenvolvidas, origem, localização no distrito e abrangência nacional.

Tab-8 Instituições financeiras formais que operam no local

Instituição	grupo alvo	Actividades	Origem	Localização	Abrangência
BIM	CN e CI	Poupança/Credito	Mista	Cidade de Chókwè	Todo o Pais
BCI	CN e CI	Poupança/Credito	Mista	Cidade de Chókwè	Todo o Pais
Banco Austral	CN e CI	Poupança/Credito	Mista	Cidade de Chókwè	Todo o Pais

Fonte: Elaborado pelo autor

Legenda: CN- clientes nacionais e CI- clientes internacionais.

A tabela acima mostra que o sistema financeiro formal tem como grupo alvo clientes nacionais e internacionais como instituições, pessoas singulares e grupo de pessoas que são depositantes e credores nestes bancos. Estes bancos desenvolve a actividade de poupança e crédito, com capitais de origem mista (internacional e nacional). Ao nível da área de estudo encontram-se apenas na cidade de Chókwè mas, são de abrangência nacional. Em relação á agricultura, todos os agricultores do sector

privado entrevistados referiram que eram clientes para poupanças, enquanto somente 24 agricultores dos 60 entrevistados do sector familiar é que referiram serem clientes igualmente apenas para poupança. Contudo, estas instituições tem linhas de crédito para qualquer actividade com a excepção da actividade agrícola. O Banco Austral que financiava a agricultura até ao ano de 1997, agora já não o faz. Entretanto, todos os bancos receberam no período após cheias de 2000 um fundo da AUSAID para abrir uma linha de crédito aos agricultores privados. A descrição individual dos bancos é feita abaixo.

✓ **Banco Austral**

Carteira de Crédito & Poupança

Até o período da realização da pesquisa a instituição tinha já desembolsado cerca de dois mil milhões de Meticais (2 000 000 000,00Mt), à um total de 33 agricultores de todo o distrito de Chókwè. Esse montante foi desembolsado antes das cheias aos grandes agricultores, para compra de alfaias e máquinas agrícolas, assim como para compra de insumos agrícolas.

Em termos de poupança o banco é que tem servido em maior escala à todos habitantes do distrito. O banco estima em cerca de três mil depositantes neste banco, correspondente à quatro mil milhões de Meticais (da cidade e de todas as 33 aldeias que o distrito possui). Apesar de não ter sido possível obter o número específico dos agricultores que tem ligação com o banco, os três mil clientes em poupança incluem 23 agricultores dos 69 entrevistado.

Taxa de Juro

A taxa de juro cobrada pelo Banco Austral é de 13% mensais sobre o capital. Esta taxa é considerada elevada pelos agricultores, pois está avaliado por meses enquanto a actividade agrícola é por campanha e por não haver nenhuma diferenciação de taxa de juro para comerciantes, agricultores (do Sp e Sf). Após cheias de 2000 houve uma linha de crédito da AUSAID, a qual tinha uma taxa de juro de 8% por mês.

Taxa de reembolso

De acordo com o banco dos 33 agricultores devedores nenhum tinha reembolsado o crédito concedido antes das cheias. Contudo, os agricultores locais agradecem a tolerância que os bancos estão a dar em relação ao período de reembolso, que foi estendido sem taxas de juro ou demora.

✓ **Banco Internacional de Moçambique(BIM)**

Por nunca ter financiado a agricultura não há relevância de se falar da Carteira de crédito & poupança, taxa de juro e a taxa de reembolso que de acordo com a gerência do BIM é avaliada em 100% para linha de crédito actual.

✓ **Banco Comercial de Investimento(BCI)**

A semelhança do BIM, o BCI não financiava durante o período de pesquisa a agricultura e, por isso não se achou relevante falar desta instituição.

4.3.1 - Constrangimentos do ponto de vista dos entrevistados em relação ao sistema formal

- O sistema financeiro formal existente está concentrado na cidade de Chókwè e, entrevistados em Macarretane e Chilembene referiram que as distâncias são longas para chegar aos bancos;
- Bichas e burocracia quando se chega aos bancos foi igualmente referido como um constrangimento;
- Os bancos só aceitam dar créditos relativamente elevados quando muitos deles querem pequenos montantes;
- Taxas de juro elevadas e, período de reembolso bastante curto- foi referido pelos agricultores privados.

4.3.2 - Constrangimentos do ponto de vista dos bancos

Os constrangimentos apresentados não diferem bastante dos apresentados pelas micro financeiras e dizem respeito à:

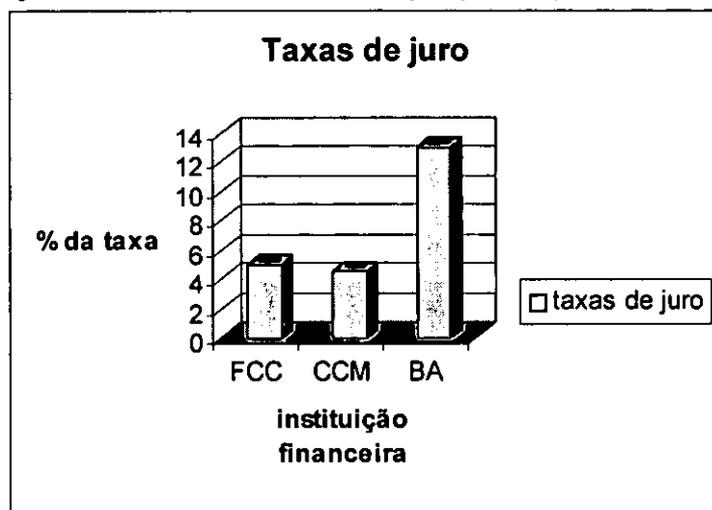
- i. Dispersão dos clientes;
- ii. Desvio de aplicação dos créditos por parte dos clientes- em vez de aplicar o crédito a actividade agrícola como tal o agricultor usa fundos para outras actividades e, isto pode levar o cliente a não reembolsar o crédito dentro do prazo acordado; e
- iii. Clientes com nível de escolaridade baixo;
- * iv. Risco da actividade agrícola- a actividade agrícola é desenvolvida sob vários riscos e não há garantias que o crédito possa ser pago pois, depende das condições naturais e do mercado que é bastante flutuante.

Estes são entre outros, os argumentos que bancos como o BIM e o BCI usam para não financiar a agricultura

Em suma os bancos formais locais tem um papel “passivo” em relação ao financiamento do sector agrícola, pois, não tem de momento nenhuma linha de crédito e ou uma estratégia desenhada para a intervenção no sector agrícola. Por ser uma zona potencialmente agrícola, queira sim queira não, o crédito a agricultura deve ser equacionado pelas instituições, pois, o crédito cedido a outras actividades na prática deve estar igualmente a ser usado para compra de bens pontuais ligados a produção agrícola. Isto pode de certa forma explicar o porquê de atrasos aos reembolsos. No entanto para acesso à crédito intervém vários aspectos entre outros as taxas de juros elevados, prazos de reembolsos curtos, concentração dos balcões na cidade de Chókwè, existência somente de créditos individuais em dinheiro e nunca em grupos, necessidades de desembolsar montantes elevados, procedimentos burocráticos na concessão dos créditos, a falta de ligação com o sistema informal, exigência de comparticipação e garantias materiais. Esses todos aspectos vem

confirmar situações do problema do crédito formal que acontece noutros países do mundo, apresentados no capítulo da revisão bibliográfica. O gráfico abaixo apresentado mostra as diferenças de taxas de juro aplicadas por micro financeiras e o banco formal. O banco formal tem uma taxa de juro acima de 100% sobre as micro financeiras para o mesmo período de retorno. ✱

Fig.2- Gráfico ilustrativo de diferentes taxas de juros praticados pelas micro financeira



4.4 – Análise das interações entre os três sistemas financeiros.

Do exposto acima nota-se que a interacção entre o sistema formal e informal é fraco uma vez que os mecanismos informais não tem acesso directo aos bancos e nem estes tem ligações com os grupos informais criados ao nível das zonas. Com relação à ligação sistema formal e semi formal, uma vez que as micro financeiras tem os seus fundos no sistema formal a interacção é forte no que diz respeito aos depósitos mas, fraco em relação aos créditos pois, as microfinanceiras não pedem créditos aos bancos comerciais devido igualmente as taxas de juro que são elevadas. A interacção entre o sistema semi formal com informal é forte sobretudo com os grupos por estes criados na zona de regadio. Os grupos acedem a créditos das micro financeiras e estas realizam poupanças para os grupos informais. As figuras abaixo

esquematizam os tipos de ligação existentes tanto para a zona de sequeiro assim como para a zona de regadio .

Figura-3: Esquema do relacionamento entre os três sistemas na zona de sequeiro (N=35)

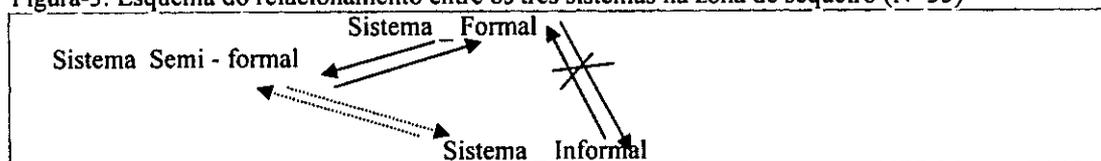
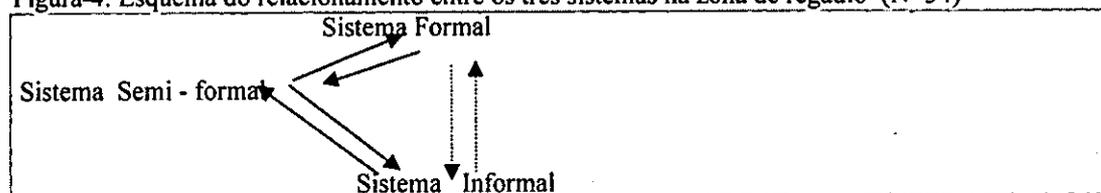


Figura-4: Esquema do relacionamento entre os três sistemas na zona de regadio (N=34)



Legenda

-  Ligações quase nula
-  Ligações fracas
-  Ligações fortes

5.0 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 – Conclusões

Com base na discussão dos resultados obtidos na área do estudo pode-se tirar as seguintes conclusões:

- Existe no Chókwè a prática dos três sistemas financeiros nomeadamente, o sistema formal, semi-formal, informal e as formas de ajuda mútua. Este distrito caracteriza-se igualmente pela existência de organizações de base local, tais como as associações das congregações religiosas, associações de regantes, comités de aldeia, e associações de criadores de gado que são impulsionadores para o surgimento dos diferentes sistemas financeiros.
- As formas de ajuda mútua não assalariadas são praticadas por agricultores do sector familiar enquanto que as assalariadas são praticadas por agricultores do sector privado com excepção de “*Ku thekela*” que na área do estudo não é praticado pelo sector privado e não envolvem transações de dinheiro. Na zona de sequeiro há mais indivíduos a praticarem formas assalariadas que na zona de regadio.
- O sistema de crédito e poupança informal na área de estudo é caracterizado por uma maior prática do sistema de “*amigos e proximos*”, “*fazendeiros e xitique*”.
- As instituições microfinanceiras (CCM e FCC) designadas sistema semi-formal e a unidade de implementação de projectos da HICEP estão sobretudo concentradas na zona de regadio e financiam quer directa ou indirectamente a agricultura.

- Tanto o sistema informal assim como o semi formal desempenham um papel importante no desenvolvimento local, não somente pelos serviços de crédito mais também pela iniciativa de organização dos agricultores em pequenos grupos para obtenção de crédito e poupança que se investem na agricultura.

Concl.

- * • O papel do sistema formal na dinamização da agricultura nas áreas estudadas ainda é fraco; as instituições não tem linhas de crédito e, nem estratégia com vista a potenciar a agricultura. *
- O relacionamento entre os três sistema financeiro é mostrado pela fragilidade da ligação sistema formal e informal, forte para ligação formal e semi formal e, igualmente forte entre o semi formal e informal na zona de regadio.

5.2 - Recomendações

Com base nos resultados do estudo recomenda-se o seguinte:

- Incentivar o associativismo ao nível dos camponeses da zona de sequeiro, pois a dinâmica que se verifica na zona de regadio deve-se também ao associativismo nele existente.
- Aproveitar a iniciativa de instituições micro financeiras tais como a CCM/ORAM, que têm a diferenciação das linhas de crédito para agricultura e comércio e expandir essa iniciativa para zona de sequeiro.
- Deve-se estipular taxas de juros e períodos de reembolsos específicos para cada actividade, respeitando o ciclo das culturas agrícolas e do negócio a ser financiado.
- Deve-se impulsionar o estabelecimento de associações de criadores de gado na zona de sequeiro pois esta zona é também de um bom potencial de criação de gado.
- As políticas de crédito devem ser acrescidas de serviços não financeiros para diminuir o risco de crédito. Dependendo do custo de vida do grupo alvo é preciso manter o valor dos empréstimos inicial baixo para:
 - a) Atrair os membros pobres da comunidade;
 - b) Providenciar aqueles com experiência de crédito limitado a oportunidade para aprender como manusear os empréstimos;
 - c) Minimizar o risco para a agência implementadora de empréstimos para aqueles com experiência limitada de crédito e poucos activos.
- O processo de financiamento agrícola deve conter uma abordagem participativa, onde os beneficiários dos créditos são envolvidos em todas as fases deste processo, para poder-se garantir taxas de reembolsos elevados.
- Deve-se criar balcões próximo das comunidades rurais para facilitar a aquisição de créditos, diminuindo assim os custos de deslocação dos clientes

às cidades onde actualmente se encontram os bancos. Assim como para diminuição dos custos administrativo e de transações para com os credores.

- Devem criar iniciativas locais para angariação de poupanças em pequenos agrupamentos fortes e uniformes, tal como acontece com as formas informais de crédito, poupança e ajuda mútua local.
- Deve-se fortalecer o relacionamento entre o sistema formal e informal que é quase nula na área do estudo. Este relacionamento deve ser garantido por facilitar os diferentes serviços financeiros disponíveis nos bancos. As micro financeiras podem actuar como catalisadores e elos de ligação.
- Deve-se promover mais investigações nesta area principalmente para analisar as principais interligações existêntes entre o sistema informal e ajuda mútua, como forma de procurar avaliar a interdependência entre sistema informal e ajuda mútua para qualquer zona potêcialmente agricola. não
- Deve-se fazer mais estudos, onde cada um dos sistemas identificado e analisado neste trabalho, possa ser um tema de investigação. Esta recomendação surge como forma de procurar dar mais resultados profundos de estudos deste gênero. Porque pelo facto de este estudo ter englobado os três sistemas, provavelmente não tenha sido suficiente responder na integra a profundidade do assunto levantado como problema de estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, D.W (1992), "Taking a Fresh Look at informal finance", in informal finance in low-income countries.- Westview Press: Boulder.

AMINO, O (1999), The potential for financial savings in rural Mozambique households: Demand and Supply Side Determinants. A Thesis Presented in partial fulfillment of the requirements for the degree master of science in the Graduate School of the Ohio State University.

Banco de Moçambique (1997), O ajustamento na África: Reformas, Resultados e o Rumo a Seguir, Relatório sobre a Investigação Política.- Banco Mundial: Washington, D. C.

Banco Austral (2001), Condições de acesso ao crédito agrário. Centro de estudos do Banco Austral. Maputo.

BLUNT, P. and WARREN, D .M (1996), Indigenous Organizations and Development: New York.

BENFICA, R.M (1993), Proposta piloto alternativa para intervenção das ONG's no crédito rural em Moçambique ; Algumas ideias básicas. Trabalho apresentado em seminário sobre Microfinanças na Faculdade de Economia.- Maputo: UEM.

BOGDAN, R & BIRTEN, S. K (1982), Qualitative Research for Education; an Introduction for to Theory and methods.- Boston.

CASE, D (1990), The community toolbox, the idea methods and evaluation in community forestry, field manual.- ROME: FAO.

CALANE, A (2002), Metodologia de Crédito Agrário no Chókwè, 1954-2001.- Maputo: Curso de Historia -UEM (dissertação de Licenciatura).

COSTA *et al* (sem data), Dicionário da língua portuguesa.- Lisboa: porto Editions.

DAVA, A.G., LOW, J e MATUSSE, C (1998), Mecanismos de ajuda mutua e redes informais de Protecção social : Estudo de Caso das Províncias de Gaza e Nampula e a Cidade de Maputo.- Maputo: MPF.

DENZIN, N. K (1978), The Research act.- New York: Mc Graw – Hill.

Dicionário Universal da Língua Portuguesa (1999).- Maputo: Moçambique Editora Limitada.

ETTINGER, R e GOLIEB, D (1971), Crédito y Cobranzen.- Mexico: D. F Editorial Continental.

FERRINHO, A (1972), O Papel das Cooperativas no Desenvolvimento Rural, sem local de edição.

HATCH, J.K (1989), A Manual of Village Banking for Community Lender and Promoter.- FINCA.

HANDA, S & KIRTON, C (1999), "The Economics of RoSCAs: Evidence From The Jamaican Partner," Journal of Development Economics, Forthcoming.

HERMELE, Kenneth (1986), Lutas contemporâneas pela terra no vale do lipompo: Estudos do caso do Chókwè, Moçambique, 1950-1985.-In: Estudos Moçambique, Nº 5/6.

HYUHA et al (1993), "Financial Liberalization, Bank restructuring and the options for client - Owned intermediation: two experiences in rudimentary financial Markets" (Mozambique and Tanzania).
In Economics and sociology occasional paper Nº 2063, the Ohio Utae University/Departammment of Agricultural Economics and Rural Sociology.

INE (1999), II Recenseamento Geral da População e Habitação; Provincia de Gaza CENSO-97.- Maputo, Moçambique.

INE (2000), Anuario Estatístico 2000, Provincia de Gaza.- Maputo, Moçambique.

INDER (1995), Estudo do Sector Rural de Chókwè.- Chókwè: INDER.

INAM (2002), Seminário Sobre a Importância dos Serviços Prestados pela Meteorologia e Aguas para a Comunidade e o Papel dos Médias: Seca.- Maputo, Moçambique.

JOHNSON, S & ROGALY, B (1997), Microfinance and poverty Reduction.- London: OXFAM Print Unit.

MATAKALA, P (2001), Instrumento de Recolha e Métodos de Analise de Dados.- Maputo: DNFB/ MADER

MADER (2000), Abordagem do Desenvolvimento Rural em Moçambique.- Maputo.

MEYER, Geetha Nogarajan and Kototoumon Quattara (1993) "Financial intermediation by NGO's: Implications for Indigenous Village in the Gambia" Economics tend Sociology Occasional Paper No 2063.- The Ohio State University Department of Agricultural Economics and Rural Sociology.

MOSCA, J (1988, em 4 partes), Contribuição para o Estudo do Sector Agrário do Chókwè.- Maputo

- Parte II- Breve historia da agricultura do distrito do Chókwè (período 1950-1983)
- Parte II- Caracterização do sector agrário (período 1983-87)

MOSCA, J(1989), Proposta de linhas gerais de desenvolvimento agrário à médio prazo.- Maputo: Ministério da Agricultura.

MUSONA, D & MBOZI, D (1998), Care per-urban Lusaka Small Enterprise (PULSE) project: Case Study of a microfinance Scheme. - Washington D.C: Wold bank.

MUCAVEL, C (1996), Alguns elementos a tomar em consideração na implementação dum sistema financeiro junto às comunidades rurais de Moçambique.- Maputo: MAP.

PIJNENBURG, B, & CAVANE , E (2000), Apontamentos de Métodos e Técnicas de Investigação Sócio - Económico . - Maputo: FAEF/UEM.

Programa Competir (2001), Região Agrícola de Chókwè: Diagnostico da Fileira Agrícola.- Maputo, Mozambique: FAEF/UEM.

R. Van Den Brink & J. P. Chavas (1997), “ The Microfinance of an Indigenous African Institutions: The Rotating Savings and Credit Association”, Economics Development & Cultural Change, Vol. 45.

RODRIGUES, A (1994), Sistemas informais (Tradicionais de Poupança e Crédito no meio rural.- extra N^o 14.

SAMUELSON, P e NORDHAUS, W (1996), Economia MC Graw – Hill.- Lisboa.

TRIVIÑOS, A (1987), Introdução à pesquisa em ciências sociais.- São Paulo: editora Atlas S.A.

VAN VUGT, Vijfhuizen e Mlay (2001), Apontamentos de Credito e Poupança Rural.- Maputo: FAEF/UEM.

VAN VUGT, Antoinette (1992), Estratégia de Sobrevivência.- Maputo: DNDR.

VALÁ, S (1997), Associativismo Camponês e a Problemática do Desenvolvimento Rural: O estudo das Casas Agrárias de Chókwè.- Chókwè: INDER-Projecto de Apoio à Definição de Políticas Agrárias.

VALA, S (1996), Metodologia de Intervenção no Contexto do Desenvolvimento Local e Comunitario.- Chókwè: INDER.

Van Vugt, A (1992), Estratégias de Sobrevivência , DER/SOC/UPDIT , Maputo.

VIEGA, J (2000), Associativismo/Cooperativismo.- Maputo: MADER.

XAVIER, R (1996), Associativismo Agrícola e Crédito em Matutuine: Um estudo de caso sobre formas de organizações locais, Crédito informal e ajuda mútua.- Maputo: FAEF/UEM (dissertação de licenciatura).

YAZDANIS., Gunjal, K (1998), Farm Credit and the Factors affecting the up take of loans by farmer 's in Iran . Savings and development. Sem edição

ANEXOS

- Se a poupança é feita em grupo 'quem são os membros do grupo?(familiares, vizinhos distantes?) porque decidiu poupar com exactamente este tipo de grupo, ex. . familiares? porque prefere a poupança em grupo?
- Quais são os critérios exigidos para ser membro do grupo que pertence?
- Quem pode ser membro do grupo ?
- Como funciona o grupo (tem chefe , quem é chefe, como foi escolhido ,onde o grupo se encontra , de quanto em quanto ,etc)
- Quais são as características dos membros (idade, escolaridade, vizinho, familiar, mesma igreja , etc)
- Como os membros do grupo podem adquirir o seu dinheiro (assim que o quiserem , espera a vez , etc)
- Se espera a vez , como é que decidem sobre o primeiro o primeiro a receber e o ultimo ?
- Se a poupança é feita individualmente porque prefere assim ? Quem guarda o dinheiro ?
- Se usa outras alternativas ,exemplo ,banco ambulante, quais são os critérios de elegibilidade do banqueiro ambulante ? o que pagam ao banqueiro ?

3.2 – Credito

- Já alguma vez pediu emprestado algo ?
- O que foi que pediu emprestado e quem ?
- Teve de pagar de volta ? A mesma quantidade ou mais ?
- Se o pedido de credito é feito ao nível de grupos : como nasceu a ideia de criar uma organização desta natureza?
- Quem são membros , critérios ,taxa de juro

Anexo – 2

Condições de Acesso ao crédito agrário no Banco Austral*

- i. Carta dirigida ao Banco a solicitar o empréstimo , indicando o montante, finalidade ,garantias ,prazo e outras informações julgadas úteis .
- ii. Ser depositante no Banco Austral ou compromisso de passar a ser
- iii. Titulo de uso e aproveitamento da terra
- iv. Licença ou autorização de exercício de actividade
- v. Licença de importação de animais emitida pela direcção Provincial de Agricultura e Pesca ou pela Direcção Nacional da Pecuária
- vi. Estudo de viabilidade económico – financeira quando se tratar de credito para investimento
- vii. Plano de produção ,receitas e despesas quando se tratar de credito para meios circulantes .
- viii. Facturas proformas dos bens a adquirir .
- ix. Em caso de construção infra-estruturas , o projecto deverá estar devidamente aprovado pelo concelho Municipal e fazer-se acompanhar do orçamento .
- x. BR's da constituição legal da empresa .
- xi. Balanços dos últimos três exercícios ou outros registos contabilísticos .
- xii. Comprovativos de pagamentos de imposto .
- xiii. Comparticipação de 10 a 15% sobre o valor das despesas a efectuar .
- xiv. Garantias suficientes com os respectivos títulos de propriedade .
- xv. Subscrever a favor do Banco Austral uma procuração irrevogável sobre os bens dados em garantias .
- xvi. Efectuar o pagamento das seguintes comissões após a concessão do credito :
 - (a) Comissão de abertura de 1% para créditos inferiores a 5 biliões de meticais e 0,5% para montantes acima de 5 bilião de meticais ;
 - (b) Comissão de utilização de 2% para créditos até 1 bilião de meticais ;
 - (c) Comissão de utilização de 1% para créditos acima de 1 bilião de meticais ;

* Esse conjunto de requisitos funcionam com base na existência de um "intermediário " que funciona co conselheiro técnico para o projecto do cliente do banco , e é este cliente que faz o projecto e compra de insumos necessários para o investimento do agricultor .

Anexo-3 Mapa de localização das zonas do estudo – o distrito de Chókwé

